Rafaelle Gracine de Souza Monteiro
~
PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM
DESENVOLVIMENTO TÍPICO EM CASA, NA ESCOLA E NA COMUNIDADE

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

#### Rafaelle Gracine de Souza Monteiro

# PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DESENVOLVIMENTO TÍPICO EM CASA, NA ESCOLA E NA COMUNIDADE

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Reabilitação.

**Área de Concentração:** Desempenho Funcional Humano

**Linha de pesquisa:** Avaliação do Desenvolvimento e Desempenho Infantil

Orientadora: Prof.ª Dra. Marisa Cotta Mancini

Co-orientadora: Prof.ª Dra Adriana de França

Drummond

#### **Belo Horizonte**

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

M772p Monteiro, Rafaelle Gracine de Souza

Participação de crianças e adolescentes com desenvolvimento típico em casa, na escola e na comunidade. [manuscrito] / Rafaelle Gracine De Souza Monteiro – 2017. 87 f., enc.:il.

Orientadora: Marisa Cotta Mancini

Co-orientadora: Adriana de França Drummond

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 54-58

1. Crianças – Desenvolvimento - Teses. 2. Percepção nas crianças - Teses. 3. Adolescentes – Desenvolvimento - Teses. 4. Escolas – Teses. I. Mancini, Marisa Cotta. II. Drummond, Adriana de França. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 616.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIENCIAS EM REABII ITAÇÃO DEPARTAMENTOS DE FISIOTERAPIA E DE TERAPIA OCUPACIONAL SITF: <u>www.seffto.ulmg.bi/j.meab</u>E-MAIL: <u>mreab@eaffto.ulmg.br</u>FONE/FAX: [31] 3439 47817/345

ATA DE NÚMERO 249 (duzentos e quarenta e nove) DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFLISA DE DISSERTAÇÃO APRESENTADA PELA CANDIDATA RAFAELLE GRACINE DE SOUZA MONTEIRO DO PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA REABILITAÇÃO.

Aus 20(vinte) dias do mês de fevereiro do ano do dois mir e dezessote, realizouse na Escola de Educação Física, Fisioterapia o Terapia Ocupacional, a sessão pública para apresentação e defesa da dissertação "PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DESENVOLVIMENTO TÍPICO EM CASA, NA ESCOLA E NA COMUNIDADE". A banca examinadora foi constituída pelas seguintes Professoras Doutoras: Marisa Colta Mancini, Marina de Brito Brandão e Kátia Maria Penido Bueno sob a presidência da primeira. Os trabalhos iniciaramse às 9h00min com apresentação oral da candidata, seguida do arguição dos membros da Comissão Exeminadora. Após avaliação, os examinadores consideraram a candidata aprovada e apta a receber o título de Mestre, após a entrega da versão definitiva da dissertação. Nada mais havendo a tratar, cu, Marilane Soares, secretária do Cologiado de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação dos Departamentos do Fisiotorapia e de Terapia Ocupacional, da Esupla de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, lavrei a presente Ata, que depois do lida e aprovada será assinada por mim a pelos mombros da Comissão Examinadora. Belo Horizonto, 20 de fevereiro de 2017.-------------------

Professora Dra	Morisa Cotta Mancini _ Morion Gt. Thomaini
Professora Dra.	Marina de Brito Brancaco
<sup>e</sup> rofessora Dia	Katia Maria Penido Hueno Los Ross Flundo Beno

Marilane Scares 084190 LE PRESIDENT DE MONTS GEPALS TE POS GACOSTULUEN ESACE Secrotário do Colegiado do Pós Graduação em Ciónicas da Roabilitação (18.8% C.M. (18.9%) (18.9%) (18.9%)

∴ 14 (4-CIP31275-93) #17.05

**EEFFTO** ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÉSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL

COLEGIADO DE POS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS EM REABILITAÇÃO DEPARTAMENTOS DE FISIOTERAPIA E DE TERAPIA DCUPACIONAL SITE: www.eeffto.ufmg.br/mreabE-MAIL: mreab@eeffto.ufmq.br FONE/FAX: (31) 3409-4781

#### PARECER

Considerando que a dissertação de mestrado de RAFAELLE GRACINE DE SOUZA MONTEIRO intitulada "PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DESENVOLVIMENTO TÍPICO EM CASA, NA ESCOLA E NA COMUNIDADE", defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, nível mestrado, cumpriu sua função didática, atendendo a todos os critérios científicos, a Comissão Examinadora APROVOU a defesa de dissertação, conferindo-lhe as seguintes indicações:

Nome dos Professores/Banca	Aprovação	Assinatura
Marisa Cotta Mancini	APROVADA.	mario Coto-marcini
Marina de Brito Brandão	APPOVADA	monto
Katia Maria Penido Bueno	APROVASA	Let la kindo Bens

Bolo Horizonte, 20 de fevereiro de 2017.

Colegiado de Pós-Graduação em Giências da Reabilitação/EEFFTO/UFMG

ORESISTA DEPÓ COMPAÇÃO (METEO

PA SECUTAÇÃO (METEO

MA EMPRIMA SE SEO CO (METEO)

TORO DE COSTROS (METEO)

Dedico este trabalho às crianças e adolescentes brasileiros, em especial aos meus amados sobrinhos, que com pureza e carinho nos sorrisos, gestos, olhares e palavras me despertam esperança, instigando-me a caminhar pelo universo do desenvolvimento infantil.

#### **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, mais uma vez, não há palavras que retribuam tamanha gratidão diante do que sempre fazem por mim. A forma como conduziram e priorizaram minha educação são exemplos para mim e me fazem acreditar que devo e posso sempre ir além.

Aos meus irmãos que, de perto ou longe, compartilham toda uma vida comigo, me acolhendo, desejando meu bem e vibrando as minhas conquistas com tanta emoção.

Ao meu amado (mais que) companheiro, Samuel, por muitas vezes acreditar mais que eu nas minhas capacidades e tanto me incentivar. Seu apoio, sua capacidade de se fazer presente em todos os momentos, sempre atencioso, prestativo, carinhoso e compreensivo foram fundamentais nesta caminhada.

Às minhas orientadoras pelo privilégio de tê-las como exemplos de profissionalismo e ética e por compartilharem seus conhecimentos com tanta disposição. À Marisa Mancini pelas considerações sempre pertinentes e esclarecedoras e à Adriana Drummond pela boa energia transmitida junto aos conhecimentos. Obrigada por confiarem no meu trabalho e contribuírem para o meu crescimento profissional.

Aos colegas de Pós-Graduação, especialmente à Clarice, Larissa, Bruna e Maíra por compartilharem bons momentos, conhecimentos e estarem sempre tão disponíveis, tornando essa caminhada mais leve. Ainda mais, agradeço à Rachel pela satisfação de podermos crescer juntas, pela amizade sincera vivenciada, quase diariamente, por mais estes dois anos.

À Giane Amorim pela disponibilidade, contribuição e esclarecimentos durante a realização do trabalho.

Às alunas Isabela e Marina pela colaboração no recrutamento de participantes e nas coletas.

Aos professores que aceitaram o convite para compor minha banca, contribuindo para o meu trabalho: Kátia Penido, Marina Brandão, José Alfredo Debortoli e Sheyla Furtado.

Aos funcionários da EEFFTO, especialmente ao Antônio Sérgio e à Marilane pela solicitude e profissionalismo com que sempre me atenderam.

Às famílias participantes do estudo por aceitarem compartilhar um pouco de suas vidas, sendo elementos chave para a concretização deste trabalho.

A todos que contribuíram para que eu chegasse até estas famílias participantes do estudo, especialmente ao S. Luiz por tanta disposição em contatar as pessoas em seu serviço a fim de me ajudar finalizar as coletas.

Aos demais familiares e amigos que estiveram ao meu lado durante este processo, obrigada por torcerem por mim, me proporcionarem momentos de descontração e compreenderem minha ausência. Com vocês, tudo é melhor! Em destaque, agradeço à vovó Teresinha por entender as "corridas visitas" e ao Fabinho por "esperar a titia terminar de ler para depois a gente brincar".

Por último, mas não menos importante, agradeço imensamente a Deus por colocar estas pessoas no meu percurso, fundamentais para uma caminhada mais prazerosa, para eu atribuir um propósito às minhas escolhas e renovar a minha força diariamente. Obrigada por tamanho cuidado e sabedoria Pai!

# **PREFÁCIO**

O formato desta dissertação segue as orientações estabelecidas pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, de 21 de agosto de 2012, referentes ao formato opcional de dissertação de mestrado. A dissertação é composta por três partes: a primeira é constituída de introdução com revisão bibliográfica do tema, justificativa do estudo, objetivos e materiais e métodos de forma detalhada. A segunda parte é composta por um artigo intitulado: "O impacto do nível socioeconômico na participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade", formatado de acordo com as normas da revista *OTJR: Occupation, Participation and Health*, para a qual o mesmo será traduzido para a língua inglesa e enviado para publicação. A terceira parte é constituída das considerações finais, referências bibliográficas, anexos e apêndices.

#### **RESUMO**

A participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade é influenciada por fatores contextuais, como o nível socioeconômico familiar, que podem manifestar-se de maneiras variadas nos diferentes contextos. O objetivo deste estudo observacional transversal é investigar a participação de crianças e adolescentes com desenvolvimento típico em casa, na escola e na comunidade e o impacto do nível socioeconômico na mesma. A amostra foi composta por 198 pais/responsáveis e suas crianças/adolescentes entre seis e dezessete anos de idade, residentes de Belo Horizonte e região metropolitana (Minas Gerais, Brasil). Os participantes foram alocados em dois grupos de nível socioeconômico: alto e baixo. Entrevistas com os pais/responsáveis foram realizadas utilizando-se o Participation and Environment Measure- Children and Youth e o Critério de Classificação Econômica Brasil. Os resultados mostraram que as crianças e adolescentes brasileiros participam com maior frequência e em maior número de atividades no contexto doméstico, entretanto se envolvem menos neste contexto em relação à escola e à comunidade. A comunidade é o contexto no qual elas menos participam, mas apresentam maior envolvimento nas atividades. Crianças e adolescentes de baixo NSE participam com maior frequência em casa, realizam menor número de atividades e envolvem-se mais nos três contextos. Aspectos relacionados a segurança pública, à rotina dos pais e legislações educacionais configuram um papel estruturante na participação das crianças e adolescentes brasileiros de diferentes níveis socioeconômicos em casa, na escola e na comunidade. Demanda-se maior atenção às rotinas familiares e às ações governamentais voltadas para crianças e adolescentes a fim de possibilitar melhores condições à participação deste público em contextos variados, principalmente na comunidade.

**Palavras-Chave:** Participação, criança, adolescente, casa, escola, comunidade, nível socioeconômico.

#### **ABSTRACT**

The participation of children and adolescents at home, school and community is influenced by contextual factors, such as the socioeconomic status (SES) of the family, which can be manifested in different ways in different contexts. The aim of this cross-sectional observational study is to investigate the participation of children and adolescents with typical development at home, at school and in the community and how the socioeconomic status can influence on it. The sample consisted of 198 parents/guardians and their children/adolescents from six to seventeen years old, residents of Belo Horizonte and metropolitan region (Minas Gerais, Brazil). Participants were allocated in two groups of socioeconomic status: high and low. Interviews with parents/guardians were carried out using the Participation and Environment Measure- Children and Youth (PEM-CY) and the Brazilian Economic Classification Criteria. The results showed that Brazilian children and adolescents participate more frequently and in a greater number of activities in the domestic context, however they are less involved in this context. The community is the context in which they participate the least, but they are more involved in the activities. Children and adolescents with low SES participate more frequently at home, perform fewer activities and become more involved in the three contexts. Aspects related to public safety, the routine of parents and educational legislation play a key role in the participation of Brazilian children and adolescents of different socioeconomic status at home, in school and in the community. More attention is required to family routines and government actions focused on children and adolescents in order to enable better conditions for the participation of this public in different contexts, especially in the community.

**Keywords:** Participation, child, adolescent, home, school, community, socioeconomic status.

# SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Objetivos	17
1.1.1 Objetivo Geral	17
1.1.2 Objetivos Específicos	18
2 MATERIAIS E MÉTODOS	19
2.1 Delineamento do estudo	19
2.2 Participantes	19
2.3 Instrumentos	20
2.3.1 Participation and Environment Measure- Children and Youth .	20
2.3.2 Critério de Classificação Econômica Brasil	23
2.3.3 Questionário sociodemográfico	23
2.4 Procedimentos	23
2.5 Confiabilidade	25
2.6 Análise dos dados	25
3 ARTIGO	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
5 REFERÊNCIAS	54
ANEXO A Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	59
ANEXO B Participation and Environment Measure- Children and Youth	60
ANEXO C Critério de Classificação Econômica Brasil	72
ANEXO D Normas para submissão do manuscrito	74

PÊNDICE A Questionário sociodemográfico83			
APÊNDICE B Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais/ responsáveis			
APÊNDICE C Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para crianças e adolescentes			
APÊNDICE D Ficha de respostas do PEM-CY86			

# 1. INTRODUÇÃO

A participação de crianças e adolescentes refere-se ao engajamento em situações da vida diária ou em uma atividade, que pode ocorrer em contextos distintos, como em casa, na escola e na comunidade (WHO, 2007; LAW, 2002; WHO, 2001). Participar em diferentes contextos exerce um importante papel na saúde e bem-estar de crianças e adolescentes, uma vez que contribui para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades que podem ser úteis no decorrer da vida (WHO, 2007; LAW, 2002).

Fatores relacionados às características pessoais e contextuais podem influenciar a participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade (BADLEY, 2008; COSTER & KHETANI, 2008; WHO, 2007; LAW, 2002; WHO, 2001). De acordo com a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde- Crianças e Jovens (WHO, 2007), esses fatores podem representar barreiras ou facilitadores para a participação. As barreiras referem-se àquilo que pode restringir o desempenho de um indivíduo, enquanto os facilitadores podem apoiar, podendo implicar em diferentes perfis de participação em uma mesma atividade (WHO, 2007).

O impacto dos fatores pessoais como gênero e idade sobre a participação de crianças e adolescentes em diferentes contextos vem sendo amplamente evidenciado na literatura (DRUMMOND et al., 2015; DRUMMOND, 2014; COSTER et al., 2013; FREIRE et al., 2013; LANCY & GROVE, 2011; JARUS et al., 2010; BRUSCHINI & RICOLDI, 2009; CANO, SILVA & SILVA, 2006; WHITE & BRINKERHOFF, 1981). A participação de meninos e meninas tende a ser diferente e variam de acordo com as atividades e com o contexto. Meninas tendem a participar mais e serem mais incentivadas nas atividades acadêmicas e no contexto doméstico (DRUMMOND et al., 2015; DRUMMOND, 2014; BRUSCHINI & RICOLDI, 2009; CANO, SILVA & SILVA, 2006), enquanto meninos apresentam índices mais elevados de diversidade e intensidade de

participação em atividades físicas e na comunidade (FREIRE et al., 2013; JARUS et al., 2010).

Quanto à idade, sabe-se que a participação é aumentada em torno dos seis anos, idade a partir da qual é esperado que as crianças tenham mais capacidade de apresentar comportamentos e atitudes adequadas para assumir algumas tarefas (LANCY & GROVE, 2011). Também nessa faixa etária ocorre a entrada no ensino obrigatório, em determinados países, na qual demanda-se maior responsabilidade das crianças (GESELL, 1998; BRASIL, 1996; ROGOFF et al., 1975). Há evidências de que crianças e adolescentes mais velhas tendem a participar mais das tarefas em casa e na escola (DRUMMOND et al., 2015; COSTER et al., 2013; WHITE & BRINKERHOFF, 1981). Já em atividades extraescolares, foi constatada uma tendência de diminuição da participação com o aumento da idade (JARUS et al., 2010). Entretanto, em estudos recentes que envolvem a participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade, a idade e o gênero têm tido seus efeitos sobre a participação menos pronunciados, dando destaque aos efeitos de fatores contextuais na participação deste público (ANABY et al., 2014; LAW et al., 2013).

Em relação ao impacto de fatores contextuais na participação, a presença de irmãos mais velhos, a maior disponibilidade de tempo dos cuidadores e o maior nível de educação materno são fatores que contribuem para maior participação de crianças e jovens (DUNN et al., 2009; SAYER et al., 2004). LAW et al. (1999) apontaram que características culturais e econômicas, como adaptação a uma segunda língua ou dificuldades financeiras para adquirir recursos que contribuem para a participação de seus filhos, podem interferir negativamente na participação de crianças com deficiência.

LAW et al. (2013), COSTER et al. (2013) e BEDELL et al. (2013), investigaram a participação de grupos de crianças e adolescentes com deficiências diversas (de ordem física, intelectual, de fala, visão, neurológica ou atraso de desenvolvimento, dentre outras) e com desenvolvimento típico nos contextos

doméstico, escolar e comunitário, assim como os fatores contextuais que podem interferir na participação nestes contextos. Os autores evidenciaram diferenças significativas entre os grupos em relação ao perfil de participação nas atividades, de modo que crianças sem deficiência apresentaram maior frequência de participação que aquelas com deficiência. Estes estudos também mostraram que, em geral, os fatores contextuais da casa, da escola e da comunidade são mais frequentemente apontados como barreiras para a participação de crianças e adolescentes com alguma deficiência. Por outro lado, cuidadores de crianças e adolescentes com desenvolvimento típico referem-se mais aos fatores contextuais como suportes para a participação de seus filhos (COSTER et al. 2013; LAW et al., 2013; BEDELL et al., 2013). Entretanto, no contexto doméstico a percepção de suporte à participação é similar para ambos os grupos. Responsáveis por crianças e adolescentes com e sem deficiência consideram que poucos fatores contextuais apoiam a participação de seus filhos em casa e também destacaram a importância que a situação financeira familiar tem como suporte para esta participação (LAW et al., 2013).

Nesse sentido, ANABY et al. (2014) verificaram efeito direto de aspectos econômicos familiares na participação, de modo que quanto maior a renda, maior a participação de crianças e adolescentes com e sem deficiência em casa, na escola e na comunidade. Para ambos os grupos, observou-se que fatores contextuais, como a situação socioeconômica familiar, podem ser mais impactantes na participação de crianças e adolescentes que os fatores pessoais, como idade e presença de deficiência (ANABY et al., 2014). Dessa forma, ressalta-se que a participação de crianças e adolescentes deve ser investigada em outras culturas, assim como as relações entre os contextos, uma vez que grande parte dos estudos dirige-se às crianças com alguma deficiência provenientes dos Estados Unidos e do Canadá, podendo não representar outras populações (LAW et al., 2013; COSTER et al., 2013; BEDELL et al., 2013; ANABY et al., 2014). LAW (2002) ainda enfatiza a necessidade de se compreender melhor os aspectos que podem facilitar ou dificultar a participação de crianças e adolescentes, abordando também

populações sem deficiências, visto que este tema tem se destacado diante de sistemas políticos, de saúde e de educação.

O cenário de desigualdade social e econômico brasileiro pode contribuir para a compreensão do impacto do nível sócio econômico na participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade. O Brasil é um país de grande extensão metropolitana, no qual a desigualdade social ainda é um marco dentro das cidades. Rendas mensais podem variar entre menos de mil reais a R\$10.000,00 dentro de uma mesma cidade (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2014). FONSECA et al. (2013) acrescentam que é alto o índice de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social no país devido, principalmente, ao baixo nível socioeconômico familiar. últimos anos o país melhorou consideravelmente seus índices e propostas econômicas e políticas, implicando em avanços notáveis em relação a aspectos de saúde e educação. Entretanto, ainda há necessidade de aprimoramento das legislações no que concerne a promoção de saúde de crianças e adolescentes, para que se possa realmente garantir os direitos deste público (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2014; FONSECA et al., 2013). As diferenças sociodemográficas podem acarretar diferentes oportunidades de acesso à saúde, educação e renda. Levando ao acesso ou a restrição de condições dignas de vida que podem impactar a participação das crianças e adolescentes em contextos variados. (FONSECA et al., 2013; Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2014).

Alguns estudos sugerem interferências do nível socioeconômico familiar sobre aspectos da participação de crianças e adolescentes, como o de POLETTO, WAGNER & KOLLER (2004), no qual é mencionado que o baixo nível socioeconômico, desemprego ou baixa qualificação profissional de uma parcela de pais brasileiros pode demandar maior participação dos filhos nas tarefas domésticas. Ainda sobre a casa, DRUMMOND et al. (2015) acrescentam que o nível socioeconômico familiar se relaciona de forma indireta à participação de crianças e adolescentes nas tarefas domésticas devido, principalmente, à presença de empregada doméstica, que leva à diminuição na execução das

tarefas de cuidado familiar e, com isso, as crianças e adolescentes podem ter maior tempo disponível para atividades em outros contextos.

A respeito do contexto escolar, FREIRE et al. (2013) constataram que apesar de crianças de camadas populares brasileiras frequentarem a escola, sua participação nas atividades escolares parece comprometida devido a ausência de realização de atividades extracurriculares que possam apoiar o aprendizado escolar e à ausência de continuidade ou incentivo às atividades acadêmicas ao longo do dia em outros contextos, como o doméstico. Os autores argumentam que esta ocorrência pode estar relacionada a aspectos sociodemográficos, como baixo nível de escolaridade materna e necessidade de auxílio nas atividades em casa. Dessa forma, os pais não possuem conhecimento suficiente para apoiar as atividades acadêmicas e, além disso, contam com a colaboração dos filhos nas atividades domésticas, o que lhes acarreta menor tempo disponível para realização de atividades relacionadas à escola.

Em relação à comunidade, AMAZONAS et al. (2003) afirmaram que as crianças de famílias de camadas populares brasileiras tendem a inserir-se mais no contexto comunitário que aquelas de nível socioeconômico familiar mais alto, tendo-o como uma extensão de seus domicílios ao se relacionarem frequentemente com vizinhos. Segundo esses autores, isso se deve ao fato da existência de forte solidariedade entre as famílias de camadas populares, à necessidade de apoio de umas às outras para a criação dos filhos e à precariedade e desconforto dos lares. Em contrapartida, as crianças e adolescentes dessas famílias, geralmente, realizam menos atividades extraescolares e, quando as executam, o fazem próximo à residência, com pouco ou nenhum gasto financeiro. Este fato muitas vezes se associa à necessidade de auxiliar nos trabalhos de casa e à dificuldade em arcar financeiramente com atividades fora do âmbito escolar (FREIRE et al., 2013; CANO, SILVA & SILVA, 2006).

Diante disto, observa-se a participação em um contexto específico pode interferir em outro, indicando a existência de um modo de configuração

relacional da participação de crianças e adolescentes em diferentes contextos (DRUMMOND et al., 2015; DRUMMOND, 2014). Índicios de diferenças na participação das crianças e adolescentes em decorrência das relações entre os contextos e de interferências de fatores contextuais já foram apontadas em alguns estudos, mas ainda não foram testados. Tal fato é percebido a partir de pesquisas que analisam um contexto de forma isolada, nos quais outros contextos emergem nas discussões (DRUMMOND, 2014; DRUMMOND et al., 2015; LARSON & VERMA, 1999; OCHS & IZQUIERDO, 2009), uma vez que as famílias vêm adequando suas rotinas de modo a organizarem melhor as demandas de tempo e atividades variadas que pais e filhos devem cumprir (DRUMMOND, 2014).

Dessa forma, compreender a participação de crianças e adolescentes brasileiros, com desenvolvimento típico, em casa, na escola e na comunidade e do efeito do nível socioeconômico familiar ampliará o conhecimento do impacto dos fatores contextuais na participação, contribuindo para o aprimoramento e construção de parâmetros úteis ao planejamento de serviços relacionados à saúde e à educação de crianças e adolescentes. Assim, as seguintes perguntas conduzem este estudo:

- A participação de crianças e adolescentes se difere entre os contextos?
- Existe efeito do NSE na participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade?
- Existe efeito do NSE nos fatores contextuais que interferem na participação de crianças e adolescentes nos três contextos?

#### 1.1 Objetivos

## 1.1.1. Objetivo geral

Investigar a participação de crianças e adolescentes com desenvolvimento típico em casa, na escola e na comunidade e como o nível socioeconômico

interfere na participação e nos fatores contextuais das mesmas nestes três contextos.

# 1.1.2. Objetivos específicos

- Comparar a participação de crianças e adolescentes com desenvolvimento típico em diferentes contextos (casa, escola e comunidade);
- Analisar o efeito do nível socioeconômico na participação de crianças e adolescentes com desenvolvimento típico em casa, na escola e na comunidade.
- Comparar a quantidade de fatores contextuais (barreiras e facilitadores) que interferem na participação em diferentes contextos (casa, na escola e comunidade);
- Comparar a quantidade de fatores contextuais (barreiras e facilitadores) identificados por famílias de diferentes níveis socioeconômicos.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG): CAAE- 52593915.5.0000.5149, número do parecer- 1.505.661 (ANEXO A).

#### 2.1. Delineamento do estudo

Estudo observacional transversal.

# 2.2. Participantes

Participaram deste estudo 198 pais/cuidadores de crianças/adolescentes, selecionados de forma não aleatória e por conveniência. O recrutamento foi feito em escolas, igrejas, empresas e por meio de contatos pessoais das pesquisadoras. A definição do tamanho amostral baseou-se na magnitude de efeito indicada no estudo de COSTER et al. (2011) que utilizou instrumento semelhante ao deste estudo, avaliando as propriedades psicométricas do *Participation and Environment for Children and Youth* (PEM-CY) a partir de sua aplicação com pais de 576 crianças e adolescentes com e sem deficiências. Constatou-se a necessidade de uma amostra de, no mínimo, 180 participantes para demonstrar alterações estatisticamente significativas, em caso de existência. Foi utilizado o programa *G\*Power3* para este fim. Considerou-se um nível de significância igual a 0,05, não direcional, poder estatístico de 0,80 e um efeito (d) esperado de entre 0,51 e 1,86, de acordo com cada dimensão abordada pelo PEM-CY.

Foram incluídas crianças e adolescentes entre seis e dezessete anos de idade, de ambos os sexos, com desenvolvimento típico relatado pelos pais ou cuidadores, de diferentes níveis socioeconômicos, residentes em Belo Horizonte e na região metropolitana (Minas Gerais, Brasil). Foram excluídos três cuidadores que se sentiram constrangidos ao responder alguma questão e optaram por não finalizar a entrevista.

Os participantes foram alocados em dois grupos estratificados de acordo com o nível socioeconômico (NSE) da família, conforme classificações propostas pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2015), a saber: (1) NSE alto pertencentes aos níveis A, B1 e B2; (2) NSE baixo-pertencentes aos níveis C1, C2 e D-E. A idade mínima de seis anos foi definida, pois as crianças brasileiras ingressam no ensino fundamental e deparam-se com maiores demandas de responsabilidade advindas do contexto escolar (LANCY & GROVE, 2011; GESELL, 1998; BRASIL, 1996; ROGOFF et al., 1975). A idade de 17 anos foi estabelecida de acordo com a definição da idade máxima para a aplicação do instrumento de coleta de dados (PEM-CY).

#### 2.3. Instrumentos

#### 2.3.1 Participation and Environment- Children and Youth

A "Medida da Participação e do Contexto- Crianças e Jovens" (ANEXO B), versão traduzida para a língua portuguesa do instrumento *Participation and Environment- Children and Youth* (PEM-CY), foi utilizada em formato de entrevista com os cuidadores (MARTINS & SANCHES-FERREIRA, 2014). Este instrumento foi recentemente desenvolvido na Universidade de Boston e vem sendo utilizado em pesquisas com crianças e adolescentes. Ele avalia a participação e fatores contextuais a partir da perspectiva dos cuidadores, em três diferentes contextos: casa, escola e comunidade (COSTER et al., 2012;

COSTER et al., 2011). O instrumento é aplicável para pais/cuidadores de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos de idade, com e sem deficiências.

O PEM-CY especifica 25 itens relacionados a atividades comumente realizadas nos três contextos previamente citados. O contexto doméstico contém dez itens que envolvem atividades relacionadas à realização de jogos e brincadeiras por meios eletrônicos ou não; passatempos, como ouvir música, tocar instrumento, leitura e assistir televisão ou vídeos; socialização dentro de casa e por meio de tecnologias; realização de tarefas domésticas de cuidado próprio e de seus pertences e de cuidado familiar; e realização e organização de tarefas relacionadas à escola. No contexto da escola há cinco itens, englobando atividades em sala de aula, excursões e eventos da escola, participação em grupos e equipes, interação com os colegas fora da sala de aula e execução de papéis específicos, como chefe de turma. Já na área da comunidade, tem-se dez itens que envolvem saídas e interação na vizinhança ou na cidade, como ir a mercados, eventos, cinema, restaurantes ou encontrar e brincar com amigos; realização de atividades físicas regulares ou não; participação em grupos, associações e atividades religiosas ou espirituais; realização de aulas ou cursos extraescolares; trabalho remunerado e viagens ou visitas em que se passe a noite fora de casa.

Para cada atividade, mensura-se a frequência de participação em uma escala de 8 pontos (variando entre 0= nunca participa a 7= participa diariamente), o envolvimento numa escala de 5 pontos (variando entre 1= minimamente envolvido a 5= muito envolvido) e o desejo de mudança dos pais na realização daquela tarefa pelo filho (com opção de sim ou não e, em caso afirmativo, o que gostaria que mudasse - aumentar ou diminuir frequência, envolvimento e/ou variedade de atividades).

A frequência de participação mensura a quantidade de vezes aproximada que o indivíduo realizou aquele tipo de atividade nos últimos quatro meses. Já o envolvimento refere- se ao quanto a criança ou adolescente empenha-se na atividade, demonstra atenção, interesse e/ou iniciativa ao realizá-la. Para

responder às questões, os entrevistados foram orientados a se recordarem das atividades realizadas últimos ao longo dos quatro meses criança/adolescente em foco. Na seção sobre os fatores contextuais há itens relacionados à adequação ambiental, demandas das tarefas, atitudes e relações de familiares, membros da escola e da comunidade, e segurança local. Estes visam detectar as barreiras e/ou facilitadores à participação da criança ou adolescente em cada contexto com quatro possibilidades de resposta: não é um problema; geralmente ajuda; às vezes ajuda, às vezes dificulta; geralmente torna mais difícil. Esta parte do instrumento é composta por 25 itens, sendo 7 itens do contexto da casa, 9 do contexto da escola e 9 da comunidade. Em seguida, verifica-se a disponibilidade/adequação de itens/recursos para apoiar a participação em cada contexto, havendo 5, 8 e 7 itens para os contextos de casa, escola e comunidade, respectivamente, com quatro possibilidades de resposta: não é necessário; geralmente sim; às vezes sim, às vezes não; geralmente não. Por fim, em uma questão aberta, o respondente deve listar até três estratégias utilizadas para promoção da participação em cada contexto.

Optou-se por não utilizar os seguintes desfechos do instrumento: 'desejo de mudança', 'disponibilidade/adequação de itens' e 'estratégias utilizadas para promoção da participação'. Essa opção se deveu ao estudo ser focado em compreender a participação das crianças e dos adolescentes e não aspectos voltados a expectativas dos responsáveis; ao objetivo de não mesclar fatores já abordados pelo instrumento que foi utilizado para classificação do nível socioeconômico familiar, o qual será apresentado a seguir e; ao cunho qualitativo do estudo, respectivamente. O quadro 1 apresenta o sumário e interpretação dos escores referentes aos desfechos do instrumento que foram abordados neste estudo, a saber: Participação - frequência, número de atividades e envolvimento; Contexto - barreiras e facilitadores. O PEM-CY apresenta índices de consistência interna e confiabilidade teste- reteste de moderado a bom e boa validade (COSTER et al., 2011).

# 2.3.2 Critério de Classificação Econômica Brasil

Para definição do nível socioeconômico foi administrado o Critério de Classificação Econômica Brasil, proposto pela ABEP (2015). Esta Classificação (ANEXO C) utiliza um questionário que inclui informações sobre itens de conforto da casa, origem da água utilizada no domicílio, tipo de pavimentação da rua em que mora e grau de escolaridade do(a) chefe de família. Com base nessas informações, é dada uma pontuação para cada item e, a partir da soma total dessas pontuações, realiza-se uma projeção da renda familiar, obtendo-se uma classificação do nível sócio econômico, estratificados em ordem da seguinte forma: A, B1, B2, C1, C2 e D-E, sendo A o nível socioeconômico mais alto e D-E os inferiores.

## 2.3.3 Questionário sociodemográfico

Um questionário semiestruturado (APÊNDICE A) foi utilizado a fim de identificar e caracterizar a amostra quanto à relação de parentesco com a criança/adolescente, data de nascimento e escolaridade dos respondentes e das crianças/ adolescentes.

#### 2.4 Procedimentos

Para o início da coleta de dados, os pais/cuidadores e as crianças ou adolescentes foram esclarecidos quanto aos objetivos e procedimentos do estudo. Ao concordarem com a participação voluntária, foram solicitados a assinar o Termo de Consentimento e/ou Assentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICES B e C, respectivamente), em duas vias, permanecendo com uma delas. Precedendo a aplicação do PEM-CY em formato de entrevista, orientações sobre o instrumento foram dadas e uma ficha (APÊNDICE D) com as possibilidades de respostas para cada área do instrumento foi fornecida ao participante, a fim de facilitar a compreensão das respostas.

As entrevistas foram realizadas em um só momento, em local e horário escolhidos pelos entrevistados, com duração aproximada de 50 minutos. A administração dos instrumentos foi feita por três avaliadoras treinadas no uso dos mesmos (a pesquisadora principal, mestranda em Ciências da Reabilitação/UFMG e duas acadêmicas do curso de graduação em Terapia Ocupacional/UFMG).

ÁREA	DESFECHO	CÁLCULO DOS ESCORES	INTERPRETAÇÃO
Participação	Frequência	Soma de todos os pontos, dividida pelo número de itens respondidos com frequência diferente de zero (%).	Fornece a média da frequência na qual o indivíduo realiza as atividades das quais participa naquele contexto. A frequência de participação é diretamente proporcional ao percentil encontrado.
	Nº de atividades	Soma de itens com resposta de frequência diferente de 'nunca', dividida pelo número de itens do contexto.	Fornece uma indicação da diversidade de atividades que o indivíduo participa naquele contexto. O número de atividades nas quais a criança/adolescente participa é diretamente proporcional ao percentil encontrado.
	Envolvimento	Soma de todos os pontos, dividida pelo número de itens respondidos (%).	Fornece uma indicação do quanto o indivíduo se envolve ao participar das atividades naquele contexto. O nível de envolvimento é diretamente proporcional ao percentil encontrado.
Contexto	Barreiras	Soma do número de itens com resposta igual a 'geralmente torna mais difícil' dividida pelo número de itens respondidos nessa seção do teste (%).	Fornece uma porcentagem da quantidade de barreiras existentes naquele contexto. Indicando o quanto fatores contextuais são percebidos como dificultadores da participação. O número de barreiras é diretamente proporcional ao percentil encontrado.
	Facilitadores	Soma do número de itens com resposta igual a 'geralmente ajuda' dividida pelo número de itens respondidos nessa seção do teste (%).	Fornece uma porcentagem da quantidade de facilitadores existentes naquele contexto. Indicando o quanto fatores contextuais são percebidos como suporte à participação. O número de facilitadores é diretamente proporcional ao percentil encontrado.

#### 2.5 Confiabilidade

A confiabilidade interexaminadoras e intraexaminadoras na administração do PEM-CY foi verificada utilizando-se o índice de concordância Kappa, que mede o grau de concordância entre pares de respostas com variáveis categóricas (PORTNEY & WATKINS, 2009).

Para realização da confiabilidade interexaminadoras o instrumento foi administrado por três avaliadoras treinadas no uso do mesmo, de forma independente, em uma mesma amostra de dez crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos de idade e seus pais/cuidadores. Concordância interexaminadoras excelente foi observada para os contextos da casa e da comunidade, nessa ordem: 0,897(IC 0,82-0,96) a 0,972 (IC 0,93-1,0) e 0,825 (IC 0,73-0,91) a 0,991 (IC 0,97-1,0). Confiabilidade considerável a excelente foi constatada para contexto escolar: 0,721 (IC 0,56-0,87) a 1,0 (IC 1,0-1,0).

A confiabilidade intraexaminadoras na aplicação do PEM-CY também foi verificada a partir da administração do instrumento duas vezes, em uma amostra de dez crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos de idade e seus pais/responsáveis, num intervalo entre 10 a 15 dias, por uma mesma avaliadora. Concordância intraexaminadoras excelente foi observada para os contextos de casa, escola e comunidade, respectivamente: 0.930(IC 0.87-0.98) a 1.0 (IC 1.0-1.0); 0.803 (IC 0.67-0.93) a 1.0 (IC 1.0-1.0) e 0.841 (IC 0.75-0.93) a 1.0 (IC 1.0-1.0). Todos os índices de concordância apresentaram p < 0.05 e considerou-se intervalo de confiança (IC) de 95%.

#### 2.6 Análise de dados

Análises descritivas foram utilizadas para caracterizar a amostra quanto às variáveis idade e sexo da criança ou adolescente, nível socioeconômico da família, escolaridade dos pais (ou respondente) e relação de parentesco do respondente com a criança/adolescente. Equivalência de idade e sexo entre os

dois grupos de níveis socioeconômicos foi verificada por meio do teste-t independente e do teste qui-quadrado, respectivamente.

A análise inferencial foi realizada, primeiramente, utilizando teste Anova simples para comparar o impacto do nível socioeconômico em relação à frequência de participação, número de atividades e envolvimento das crianças e adolescentes nos três contextos (casa, escola, comunidade). Em acréscimo, Anova de medidas repetidas foi utilizada para comparar a frequência, o número de atividades e o envolvimento entre os três contextos. Foi também realizada a análise de variância fatorial mista (Mixed-design anova) para avaliar as diferenças na quantidade de barreiras e facilitadores entre os contextos (casa, escola e comunidade) e entre os níveis socioeconômicos (alto e baixo). Quando encontrados efeitos significativos nas análises de variância, teste *post hoc* de Bonferroni foi adotado para identificar diferenças bivariadas entre contextos.

Para todas as análises foi utilizado o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 19.0 (SPSS Inc., 2010), considerou-se um nível de significância  $\alpha$  = 0.05.

#### 3. ARTIGO

A ser submetido para o periódico OTJR: Occupation, Participation and Health:

# O impacto do nível socioeconômico na participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade

Rafaelle Gracine de Souza Monteiro<sup>1</sup>, Adriana de França Drummond<sup>2</sup>, Giane Amorim Ribeiro Samora<sup>3</sup>, Marisa Cotta Mancini<sup>4</sup>

- 1- Estudante de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, UFMG.
- 2- Doutora em Ciências da Reabilitação, Departamento de Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, UFMG.
- 3- Fisioterapeuta, PhD em Ciências da Reabilitação, UFMG
- 4- Doutora em Rehabilitation Science, Departamento de Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, UFMG.

#### Autor de correspondência: Adriana de França Drummond

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Antônio Carlos 6627, Campus Pampulha

Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901

E-mail: drummond@ufmg.br; adfdrummond@gmail.com

Telefone: (31) 3409-4790

#### **RESUMO**

A participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade pode sofrer influência de fatores contextuais, dentre os quais se destaca o nível socioeconômico (NSE) familiar. Este estudo observacional transversal investigou a participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade e o impacto do NSE na participação em diferentes contextos. Entrevistas foram realizadas com 198 cuidadores de crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos de idade, moradores de Belo Horizonte e região metropolitana (Minas Gerais, Brasil), distribuídas em dois grupos de acordo com o NSE (alto e baixo). Os pais/ responsáveis responderam ao Participation and Environment Measure for Children and Youth (PEM-CY) e ao Critério de Classificação Econômica Brasil. Os resultados revelaram que há maior frequência e número de atividades realizadas em casa e maior envolvimento nas atividades realizadas na comunidade, ao se comparar os três contextos. A comunidade é o contexto com maior quantidade de barreiras, enquanto a escola tem maior quantidade de facilitadores. O NSE impacta a participação, de modo que o grupo de baixo NSE participa com mais frequência em casa; realiza menor número de atividades em casa, na escola e na comunidade; e se envolve mais nos três contextos. Questões de segurança pública, rotina dos pais e necessidade de auxílio nas tarefas diárias tem um papel estruturante na participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade.

**Palavras-chave:** Participação, Criança, adolescente, casa, escola, comunidade, nível socioeconômico.

# INTRODUÇÃO

A participação em casa, na escola e na comunidade pode impactar a saúde e o bem-estar de crianças e adolescentes, pois a partir do envolvimento em situações da vida diária pode-se desenvolver e aprimorar habilidades necessárias no decorrer da vida (World Health Organization [WHO], 2007; World Health Organization [WHO], 2001; Law, 2002). A participação de crianças e adolescentes pode sofrer influências de fatores relacionados a características específicas do indivíduo e de aspectos contextuais, que variam desde a estrutura física do ambiente ao nível socioeconômico familiar. Esses fatores podem constituir-se barreiras ou facilitadores para a participação, caracterizando perfis de participação de crianças e adolescentes em contextos variados (WHO, 2007; Law, 2002).

Fatores pessoais, como idade, sexo e condição de saúde são comumente investigados em estudos acerca da participação de crianças e adolescentes (Drummond, Gomes, Coster & Mancini, 2015; Amaral, Drummond, Coster & Mancini, 2014; Jarus, Anaby, Bart, Engel-Yeger & Law, 2010; White & Brinkerhoff, 1981). Entretanto, tem se apontado que a inadequação ou privação de fatores contextuais podem exercer maior influência sobre a participação de crianças e adolescentes com e sem deficiência em casa, na escola e na comunidade do que determinados aspectos pessoais (Anaby, Law, Coster, Bedell, Khetani, Avery & Teplicky, 2014). Verificou-se a existência de efeito de fatores contextuais, tanto como barreiras quanto como facilitadores, destacando-se o impacto da renda familiar na participação de ambos os grupos nos três contextos (Anaby et al., 2014). Dessa forma, Anaby et al. (2014) consideram que a participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade pode apresentar-se de maneiras distintas de acordo com aspectos socioculturais.

Grande parte dos estudos sobre participação envolve crianças e adolescentes com alguma disfunção de saúde, abordam contextos específicos e têm as amostras recrutadas nos Estados Unidos e no Canadá, podendo não representar outras populações (Law, Anaby, Teplicky, Khetani, Coster & Bedell, 2013; Coster, Law, Bedell, Liljenquist, Kao, Khetani & Teplicky, 2013; Bedell, Coster, Law, Liljenquist, Kao, Teplicky, Anaby & Khetani, 2013; Anaby et al., 2014). Assim, novas investigações são sugeridas no intuito de abordar os fatores contextuais que possivelmente interferem na participação, as possíveis relações provenientes entre diferentes contextos e, também, populações sem deficiências, dada a atual ênfase deste tema em órgãos políticos, de saúde e de educação (Anaby et al., 2014; Law, 2002). Diante disso, a heterogeneidade sociodemográfica das famílias brasileiras pode contribuir para a ampliação do conhecimento acerca do impacto dos fatores contextuais sobre a participação de crianças e adolescentes.

Apesar de uma melhora apresentada nas taxas e políticas relacionadas à saúde e educação ao longo dos últimos anos no Brasil, o nível de desigualdade social intrametropolitana ainda é significativo (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2014; Fonseca, Sena, Santos, Dias & Costa, 2013). As diferenças sociodemográficas da população brasileira podem acarretar variações no acesso às condições dignas de saúde, educação e renda, levando a restrição ou ampliação das oportunidades de participação em distintos cenários no decorrer da vida (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2014).

Há evidências de que fatores sociodemográficos têm impactado a participação de crianças e jovens em diferentes contextos. O baixo nível socioeconômico ou baixa qualificação profissional de uma parcela de pais brasileiros pode levar à maior demanda

de participação nas tarefas domésticas (Poletto, Wagner & Koller, 2004). Por outro lado, crianças e adolescentes de níveis socioeconômicos mais altos, com presença de empregada doméstica em casa, tendem a participar menos das tarefas de cuidado familiar (Drummond et al., 2015).

Na comunidade, o nível socioeconômico familiar pode impactar a participação de maneiras distintas. Crianças e adolescentes brasileiros de nível socioeconômico mais baixo tendem a inserir-se mais na comunidade que aquelas de nível socioeconômico alto, uma vez que as primeiras geralmente residem em casas menores e com privação de recursos, o que as leva a buscar outras formas de extensão física e social domiciliar, utilizando das calçadas e ruas próximas de casa para interação e lazer com a vizinhança e familiares (Amazonas, Damasceno, Terto & Silva, 2003). Por outro lado, esta parcela da população apresenta menor tendência de realização de outras atividades na comunidade, como aulas e cursos extracurriculares ou atividade física regular, devido ao desfavorecimento financeiro e à necessidade de auxiliar nas tarefas domésticas. Assim, a participação nas tarefas escolares às vezes fica comprometida, dada a importância que a realização de atividades extracurriculares tem sobre o desenvolvimento de habilidades que podem ser úteis em outros contextos (Freire, Silva, Moura, Pontes & Borges, 2013; Matias, 2010; Cano, Silva & Silva, 2006).

A maioria dos estudos que busca compreender a participação aborda contextos isoladamente, sugerindo diferenças na participação de acordo com os aspectos contextuais, dado que as famílias têm configurado suas rotinas de modo a abranger as diversas demandas de atividade de pais e filhos (Drummond, 2014; Drummond et al., 2015; Larson & Verma, 1999; Ochs & Izquierdo, 2009). Assim, percebe-se que a participação de crianças e adolescentes se dá de modo relacional entre os contextos

(Drummond, 2014). Dessa forma, o estudo de Anaby et al. (2014), que aborda os contextos de casa, escola e comunidade se destaca. Nele os autores enfatizam que a abordagem dos diferentes contextos, simultaneamente, contribui para a compreensão da participação de crianças e adolescentes, indicando a necessidade de aprofundamento nessas investigações e dos fatores contextuais que impactam a participação em casa, na escola e na comunidade.

Diante disto, este estudo busca investigar a participação de crianças e adolescentes com desenvolvimento típico, de diferentes níveis socioeconômicos, em casa, na escola e na comunidade, a fim de responder às seguintes questões:

- A participação de crianças e adolescentes se difere entre os contextos da casa, escola e comunidade?
- Existe efeito do NSE na participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade?
- Existe efeito do NSE nos fatores contextuais (barreiras e facilitadores) de crianças e adolescentes nos três contextos?

#### **MÉTODOS**

#### Delineamento do estudo e participantes

Estudo observacional transversal, do qual participaram 198 pais/cuidadores de crianças ou adolescentes, recrutados de forma não aleatória e por conveniência em escolas, igrejas, empresas e por contatos pessoais das pesquisadoras. O cálculo amostral foi feito com base em um estudo que administrou o *Participation and Environment Measure- Children and Youth* (PEM-CY), instrumento utilizado nesta pesquisa, em 576

pais de crianças e adolescentes com e sem deficiências (Coster, Bedell, Law, Khetani, Teplicky, Liljenquist, Gleason, Kao, 2011). Estimou-se uma amostra mínima de 180 participantes, para demonstrar efeitos significativos, caso eles existam.

Foram incluídas famílias com crianças ou adolescentes entre 6 e 17 anos de idade; do sexo feminino e masculino; provenientes de famílias de diferentes níveis socioeconômicos, com desenvolvimento típico referido pelo respondente; residentes em Belo Horizonte e região metropolitana, Minas Gerais, Brasil. Foram excluídos três participantes que se sentiram constrangidos e não desejaram responder alguma pergunta durante a entrevista.

Os participantes foram agrupados de acordo com o nível socioeconômico familiar, constituindo-se dois grupos: (1) NSE alto- pertencentes aos níveis A, B1 e B2; (2) NSE baixo- pertencentes aos níveis C1, C2 e D-E, conforme classificação proposta pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2015). A seleção foi feita de modo a manter-se uma distribuição homogênea de idade e sexo entre os dois grupos.

#### Procedimentos e instrumentação

Os entrevistados foram esclarecidos quanto aos procedimentos do estudo e, ao concordarem em participar do estudo voluntariamente, assinaram o Termo de Consentimento e/ou Assentimento livre e Esclarecido para responsáveis e crianças/adolescentes. Três avaliadoras (uma terapeuta ocupacional, mestranda em Ciências da Reabilitação e duas acadêmicas de graduação em Terapia Ocupacional) treinadas para o uso dos instrumentos realizaram as entrevistas pessoalmente com os cuidadores, em um único encontro, com duração média de 50 minutos para cada participante.

Confiabilidade interexaminadores e intraexaminadores foi testada para administração do PEM-CY, por meio do índice de concordância de Kappa. Verificou-se Concordância interexaminadoras de considerável a excelente 0,721 (IC 0,56-0,87) a 1,0 (IC 1,0-1,0) e intraexaminadoras excelente 0,803 (IC 0,67-0,93) a 1,0 (IC 1,0-1,0). Todos os índices de concordância apresentaram p<0,05 e considerou-se intervalo de confiança (IC) de 95%.

Em formato de entrevista, os cuidadores responderam a Medida da Participação e do Contexto- Crianças e Jovens (Martins & Sanches-Ferreira, 2014), versão traduzida para o português do Participation and Environment Measure- Children and Youth (PEM-CY) (Coster, Law, Bedell, Khetani, Cousins & Teplicky, 2012). Análise das propriedades psicométricas do instrumento apresentam níveis de consistência interna e confiabilidade teste - reteste de moderado a bom e boa validade (Coster et al., 2011). O PEM-CY consiste em um questionário que mensura a participação (a partir de questões sobre a frequência e envolvimento em determinadas atividades, além do desejo de mudança dos responsáveis em relação a estes desfechos) em três contextos: casa, escola e comunidade e os fatores contextuais que podem ser vistos como barreiras ou facilitadores para a participação nestes contextos.

Os grupos de atividades referentes ao contexto da casa envolvem jogos, brincadeiras e passatempos eletrônicos ou não, assistir televisão e vídeos, socialização com familiares e visitas pessoalmente ou por meios digitais, tarefas domésticas, autocuidado, realização e organização de tarefas escolares. Os grupos de atividades referentes à escola são as atividades e interação dentro e fora da sala de aula e da escola, como excursões e eventos; participação em equipes escolares e execução de papéis específicos, como ajudante ou chefe de turma. Os grupos de atividades referentes à

comunidade são atividades, grupos e eventos na vizinhança ou na cidade, com amigos ou familiares; viagens; aulas e cursos extracurriculares, de cunho acadêmico ou esportivo; prática de atividades físicas e trabalho remunerado. Na seção de contexto, há questões sobre a quantidade de barreiras e facilitadores para a participação (relacionados às demandas das tarefas, às características físicas do contexto, relações sociais e de segurança). O quadro 1 apresenta o sumário e interpretação dos escores referentes aos desfechos do instrumento que foram abordados neste estudo, a saber: Participação - frequência, número de atividades e envolvimento; Contexto - barreiras e facilitadores.

#### Inserir quadro 1

A classificação do nível socioeconômico familiar foi feita a partir do Critério de Classificação Econômica Brasil, um questionário sobre itens de conforto da casa, proveniência da água, tipo de pavimentação da rua e grau de instrução educacional do(a) chefe de família (ABEP, 2015). O nível socioeconômico familiar é estratificado entre A, B1, B2, C1, C2 e D-E, sendo A o nível socioeconômico mais alto e D-E os inferiores. As características sociodemográficas dos participantes foram coletadas por meio de um questionário semiestruturado. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CAAE-52593915.5.0000.5149).

#### Análise de dados

Índices de frequência foram utilizados para descrever a amostra quanto às características sociodemográficas. Teste-t comparou idade dos dois grupos (NSE alto e NSE baixo) e teste qui-quadrado testou associação entre sexo e as categorias de NSE.

Inicialmente, análise inferencial utilizou *Anova simples* para comparar os níveis socioeconômicos das famílias (NSE alto e baixo) quanto à frequência, número de atividades e envolvimento das crianças e adolescentes nos três contextos (casa, escola e comunidade). Num segundo nível, *Anova de Medidas Repetidas* foi utilizada para comparar a frequência, o número de atividades e o envolvimento entre os três contextos. Em acréscimo, análise de variância fatorial mista (*Mixed-Design Anova*) foi usada para comparar a quantidade de barreiras e facilitadores entre os três contextos (casa, escola e comunidade) e entre os níveis socioeconômicos (alto e baixo). Em caso de efeito significativo, teste *post-hoc* de Bonferroni foi utilizado para identificar diferenças bivariadas. As análises foram realizadas considerando-se um nível de significância  $\alpha = 0.05$ .

#### RESULTADOS

#### Características da amostra

As características descritivas da amostra, por grupo de NSE, estão apresentadas na tabela 1. Verificou-se equivalência entre o sexo (p= 0,448) e idade (p= 0,909) das crianças e adolescentes nos dois grupos.

### Inserir tabela1

# Participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade: frequência, número de atividades e envolvimento

A frequência de participação de crianças e adolescentes de diferentes níveis socioeconômicos se difere significativamente no contexto doméstico, de modo que as de níveis socioeconômicos mais baixos (níveis C, D e E) participam com maior frequência das atividades quando comparadas às de NSE mais altos (níveis A e B). Não

há diferença significativa entre os diferentes NSE quanto à frequência de participação nos contextos de escola e comunidade (tabela 2).

Em relação ao número de atividades que as crianças e adolescentes participam, as de NSE mais alto participam de maior número de atividades em casa, na escola e na comunidade. Quanto ao nível de envolvimento nas atividades, crianças e adolescentes pertencentes ao NSE mais baixo apresentam maior nível de envolvimento nos três contextos (tabela 2).

Sobre a participação entre os contextos, verificou-se que a frequência e o número de atividades realizadas se diferem em casa, na escola e na comunidade. Comparações bivariadas revelaram que tanto a frequência de participação, quanto o número de atividades realizadas pelas crianças e adolescentes em casa são maiores que na escola e na comunidade, e que na escola esses índices apresentam-se maiores que na comunidade. Entretanto, ao analisar o envolvimento deste público entre os três contextos, verificou-se que em casa há menor envolvimento das crianças e adolescentes ao realizarem as atividades se comparado com a escola e comunidade (tabela 3).

#### Inserir tabelas 2 e 3

# Contexto: barreiras e facilitadores da participação de crianças e adolescentes nos três contextos

A comparação entre a porcentagem de barreiras existentes em casa, na escola e na comunidade evidenciou diferenças entre os três contextos. Comparações *post hoc* revelaram que a comunidade apresenta uma porcentagem significativamente maior de barreiras em relação aos contextos de casa e escola. Não foi encontrada diferença na quantidade de barreiras entre os diferentes NSE (tabela 4).

Quanto aos facilitadores, a comparação entre os contextos evidenciou que em casa há menor porcentagem de facilitadores que na escola e na comunidade, assim como ocorre com a comunidade em relação à escola. Já a comparação entre os níveis socioeconômicos revelou que em casa, na escola e na comunidade a porcentagem de facilitadores é significativamente menor no grupo de NSE baixo (tabela 5).

#### Inserir tabelas 4 e 5

## **DISCUSSÃO**

O efeito do NSE das famílias na participação de crianças e adolescentes nos diferentes contextos evidencia o papel estruturante das características familiares nesse componente de funcionalidade. Em geral, a casa é o contexto no qual as crianças e adolescentes mais participam (considerando-se frequência e número de atividades), seguida da escola e, por último da comunidade. Além disso, neste contexto o NSE impacta a participação, de modo que a frequência e o envolvimento se apresentam significativamente elevados no grupo de NSE baixo.

As rotinas familiares estão cada vez mais atarefadas, com pais e mães que permanecem fora de casa grande parte do dia e contam com a colaboração dos filhos, que muitas vezes ficam sozinhos na própria casa ou na de vizinhos e familiares (Bruschini & Ricoldi, 2009; Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998). Mães brasileiras de baixa renda que trabalham fora de casa têm tido dificuldade para conciliar o trabalho com as tarefas domésticas, assim incentivam a participação dos filhos, principalmente no cuidado de suas próprias coisas, responsabilizando-os por tarefas domésticas, de cuidado pessoal, preparação das atividades e materiais escolares (Bruschini & Ricoldi, 2009). Drummond et al. (2015) acrescentam que o baixo nível socioeconômico familiar

está indiretamente associado com a maior participação de crianças e adolescentes brasileiros no contexto doméstico, sendo esta relação mediada pela presença de empregadas domésticas. Assim, a necessidade dos pais em manterem a organização dos lares e os filhos em maior conforto e segurança enquanto precisam se ausentar de casa leva o contexto doméstico a demandar e/ou oferecer mais oportunidades de participação para as crianças e adolescentes, principalmente para aquelas de baixo NSE. Com isso, o maior envolvimento deste grupo no contexto doméstico pode se relacionar à frequência, uma vez que estar presente em uma atividade é uma condição para que o indivíduo se envolva na mesma (Imms, Adair, Keen, Ullenhag, Rosenbaum & Granlund, 2016).

Os altos índices de frequência e números de atividades realizadas pelas crianças e adolescentes no contexto doméstico em relação aos outros contextos, também se associam à configuração que a casa vem adquirindo, como local com recursos de entretenimento diversos, dentre os quais se destacam os tecnológicos. Nesse sentido, Spizzirri, Wagner, Mosmann & Armani (2012) apontam que o uso de equipamentos eletrônicos tem sido uma atividade cotidiana na vida de crianças e adolescentes. Muitas vezes, sem nenhum tipo de controle familiar, os jovens passam grande parte de seu dia realizando atividades por meio da internet, principalmente no contexto doméstico, uma vez que consideram vantajoso poder comunicar-se e interagirem com rapidez e sem saírem de casa (Spizzirri, Wagner, Mosmann & Armani, 2012).

O conjunto de fatores que levam à maior participação no contexto doméstico pode associar-se à menor participação na comunidade (frequência e número de atividades). Além disso, os espaços públicos nas cidades grandes não têm sido considerados adequados para a participação das crianças, devido à grande circulação de veículos, aumento de comércio e violência (Bichara, Fiaes, Marques, Brito & Seixas,

2006), levando o contexto comunitário a apresentar uma quantidade de barreiras significativamente maior que a casa e a escola. Dessa forma, embora as brincadeiras e atividades externas ao contexto doméstico sejam consideradas como algo elementar para o desenvolvimento dos filhos, os pais têm priorizado a participação em outros contextos (Bichara et al., 2006; Seixas, Becker & Bichara, 2012).

Apesar da menor participação na comunidade, este é o contexto no qual as crianças e adolescentes mais se envolvem. O envolvimento nas atividades está relacionado a afeto, motivação e interação social (Imms et al., 2016), aspectos geralmente presentes e comumente expressos nos laços de amizades com colegas de escola e vizinhos, que segundo Moreira, Rena e Sousa (2013), motivam a participação fora de casa. Dessa forma, nota-se que a participação das crianças e adolescentes na comunidade é diminuída não por vontade deles próprios, mas devido às questões de segurança pública brasileira e de oportunidades/demandas do contexto doméstico.

Além disso, a comunidade aborda atividades diversas, sendo algumas menos estruturadas e informais, como passeios e interação com família e amigos e outras mais, como atividades religiosas, aulas e cursos extracurriculares que, muitas vezes, exigem dispêndio financeiro e disponibilidade dos pais e dos filhos para a participação. Crianças e adolescentes brasileiros de nível socioeconômico mais baixo tendem a participar mais neste contexto para interação e lazer com a vizinhança e familiares (Amazonas et al., 2003) e realizam menos aulas e cursos extracurriculares (Freire et al., 2013; Matias, 2010; Cano, Silva & Silva, 2006). A realização de atividades menos estruturadas, mais voltadas ao lazer e à socialização que ao cunho acadêmico, pode justificar o maior envolvimento do grupo de baixo NSE na comunidade em relação às de alto NSE, uma vez que o envolvimento pode estar relacionado com questões de

preferências pessoais ou divertimento durante a realização das atividades (Law et al., 2013).

A escola é o segundo contexto de maior participação das crianças e adolescentes (frequência e número de atividades) e no qual há maior quantidade de facilitadores. Neste contexto, não há impacto do NSE sobre a frequência de participação. Estes resultados não se devem apenas à importância que os pais atribuem à escola, mas também ao impacto que a existência de diretrizes educacionais e exigências legais têm sobre a participação de crianças e adolescentes neste contexto. Coster et al. (2013) corroboram com esta justificativa ao sugerirem que a frequência escolar pode estar mais relacionada às exigências de políticas educacionais e demandas da rotina diária, que visam proporcionar maior isonomia no acesso às atividades escolares. Além disso, em investigação sobre a rotina de crianças de camadas populares brasileiras que recebem auxílio de programa beneficiário do Governo Brasileiro, com exigências voltadas à frequência escolar infantil, constatou-se que o vínculo a este tipo de subsídio pode garantir que as crianças frequentem a escola rotineiramente, embora não lhes assegure a continuidade das atividades acadêmicas fora daquele contexto (Freire et al., 2013).

A legislação brasileira referente a aspectos educacionais estabelece que todos os estudantes participem de um conteúdo mínimo obrigatório de atividades intra e extraclasse, garantindo a presença destes indivíduos na escola. É também definido que as escolas tenham uma infraestrutura mínima para o acolhimento e desenvolvimento das crianças e adolescentes (Brasil, 1996). Acredita-se que tal infraestrutura tende a disponibilizar facilitadores à participação que são ausentes ou reduzidos em outros contextos de vivência das crianças e adolescentes de NSE mais baixo, levando-os a um maior envolvimento ao realizarem as atividades do contexto escolar que aquelas de alto

NSE que, geralmente, já são familiarizadas com os recursos e apoio social ali disponibilizados.

Crianças e adolescentes de baixo NSE têm menor porcentagem de facilitadores para a participação e, ao mesmo tempo realizam menor número de atividades nos três contextos, indicando a existência de uma relação entre renda e participação em diferentes contextos, provavelmente, intermediada pelo acesso ou não a recursos. A menor disponibilidade de recursos financeiros apresentada por participantes deste grupo certamente dificulta a aquisição ou adequação de fatores contextuais que podem auxiliar a participação. Tal fato leva as crianças e adolescentes a não participarem de algumas atividades, pois nem sempre a família tem condições de adquirir brinquedos, jogos e equipamentos eletrônicos para uso no contexto doméstico; de possibilitar a inserção em atividades extracurriculares e eventos como excursões, atividades esportivas e cursos de línguas; de manter a adequação física e assegurada do ambiente; de disponibilizar tempo para acompanhá-los nas atividades, dentre outros fatores. Em consonância com estes resultados, Anaby et al. (2014) encontraram efeitos diretos e indiretos da renda na participação em casa, na escola e na comunidade, uma vez que este fator interfere nas barreiras e facilitadores presentes nestes contextos.

Anaby et al. (2014) também verificaram em amostra de crianças e adolescentes com e sem deficiências, recrutadas nos Estados Unidos e Canadá, que quanto maior a renda familiar, maior o envolvimento em casa, na escola e na comunidade. Em contrapartida, este estudo mostrou que em casa, na escola e na comunidade o envolvimento das crianças e adolescentes brasileiros de baixo NSE é maior que daquelas de alto NSE, sugerindo que diferenças culturais relacionadas às diferentes ofertas e oportunidades de realização das atividades dadas aos filhos podem interferir

neste aspecto da participação. Imms et al. (2016) afirmam que diferenças culturais variam as expectativas de envolvimento, tornando difícil mensurar esta característica, principalmente a partir de entrevistas realizadas com os cuidadores. É necessário mais investigações acerca deste tema e abordagens distintas, nas quais as próprias crianças e adolescentes respondam por si e/ou sejam observadas durante a realização das atividades (Imms et al., 2016; Law et al., 2013).

Por fim, não há impacto do NSE sobre a quantidade de barreiras para a participação das crianças e adolescentes. Observou-se que os entrevistados frequentemente referiram-se a estrutura ambiental e demandas da atividade como aspectos que não interferem positivamente ou negativamente na participação das crianças e adolescentes. Ao relatarem, pouco frequentemente, o que dificulta a participação de seus filhos, apontavam questões voltadas a relações sociais, atitudinais e segurança dos contextos. Bedell et al. (2013) e Coster et al. (2013), verificaram que estrutura ambiental e demandas da atividade, geralmente, não são problemas para a participação de crianças e adolescentes sem deficiência. Dessa forma, ao se considerar crianças com desenvolvimento típico, as barreiras podem estar mais associadas a fatores sociais.

Este estudo evidenciou o impacto que fatores socioeconômicos exercem sobre a participação de crianças e adolescentes, contribuindo para a ampliação do corpo de conhecimentos acerca do assunto, que são necessários para a elaboração e aprimoramento dos serviços e ações governamentais relacionadas à saúde e educação da criança e do adolescente. O tema necessita de mais investigações, que abranja o envolvimento das crianças e adolescentes nas atividades, uma vez que este aspecto ainda é pouco abordado em estudos sobre participação e de complexo entendimento.

Além disso, é necessário abranger outros fatores contextuais e outras esferas da população, como áreas menos urbanizadas e os níveis socioeconômicos estratificando-o mais, a fim de comparar e compreender melhor os fatores que permeiam este fenômeno.

#### REFERÊNCIAS

Amaral, M. F., de França Drummond, A., Coster, W. J., & Mancini, M. C. (2014). Household task participation of children and adolescents with cerebral palsy, Down syndrome and typical development. *Research in developmental disabilities*, 35(2), 414-422.

Amazonas, M. C. L. D. A., Damasceno, P. R., Terto, L. D. M. D. S., & Silva, R. R. D. (2003). Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicol. estud*, 11-20.

Anaby, D., Law, M., Coster, W., Bedell, G., Khetani, M., Avery, L., & Teplicky, R. (2014). The mediating role of the environment in explaining participation of children and youth with and without disabilities across home, school, and community. *Archives of Physical Medicine and Rehabilitation*, 95(5), 908-917.

Associação Brasileira de Empresas De Pesquisa (ABEP). Critério de Classificação Econômica Brasil 2015. Disponível em: <a href="http://www.abep.org/criterio-brasil">http://www.abep.org/criterio-brasil</a> >Acesso em 04/09/2015.

Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2014). Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras – Brasília: PNUD, Ipea, FJP, 120p.

Bedell, G., Coster, W., Law, M., Liljenquist, K., Kao, Y. C., Teplicky, R., Anaby, D. & Khetani, M. A. (2013). Community participation, supports, and barriers of school-age children with and without disabilities. *Archives of physical medicine and rehabilitation*, 94(2), 315-323.

Bichara, I. D., Fiaes, C. S., Marques, R., Brito, T., & Seixas, A. A. C. (2006). Brincadeiras no contexto urbano: um estudo em dois logradouros de Salvador (BA). *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 26(2), 39-52.

Brasil. Diretrizes e Bases da educação nacional. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em: <a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/Leis/L9394.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/Leis/L9394.htm</a>. Acesso em: 20/12/2016.

Bruschini, M.C.A., & Ricoldi, A.M. (2009). Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. *Cadernos de Pesquisa*, *39*(136), 93-123.

Cano, M. A. T., Silva, C. A., & Silva, T. A. V. B. (2006). Brincando de casinha: o trabalho doméstico, familiar ou não, de crianças e adolescentes do sexo feminino na cidade de Franca–SP. *INVESTIGAÇÃO*, 6(1).

- Coster, W., Bedell, G., Law, M., Khetani, M. A., Teplicky, R., Liljenquist, K., Gleason & Kao, Y. C. (2011). Psychometric evaluation of the participation and environment measure for children and youth. *Developmental Medicine & Child Neurology*, *53*(11), 1030-1037.
- Coster, W., Law, M., Bedell, G., Khetani, M., Cousins, M., & Teplicky, R. (2012). Development of the participation and environment measure for children and youth: conceptual basis. *Disability and rehabilitation*, 34(3), 238-246.
- Coster, W., Law, M., Bedell, G., Liljenquist, K., Kao, Y. C., Khetani, M., & Teplicky, R. (2013). School participation, supports and barriers of students with and without disabilities. *Child: care, health and development, 39*(4), 535-543.
- Drummond AF (2014). Participação de crianças e adolescentes nas tarefas domésticas. [Tese]. Universidade Federal de Minas Gerais; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Drummond, A.F, Gomes, A. M. R., Coster, W. J., & Mancini, M. C. (2015). Predictive factors of household task participation in brazilian children and adolescents. *OTJR*: occupation, participation and health, 35(2), 101-109.
- Fonseca, F. F., Sena, R. K. R., Santos, R. L. A. D., Dias, O. V., & Costa, S. D. M. (2013). As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. *Rev paul pediatr*, *31*(2), 258-64.
- Freire, V. R. B. P., Silva, S. S. C., de Moura, M. L. S., Pontes, F. A. R., & Borges, J. D. A. R. (2013). Atividades acadêmicas na rotina de crianças ribeirinhas participantes do Programa Bolsa Família. *Psicologia: teoria e Pesquisa*, 29(2), 159-166.
- Imms, C., Adair, B., Keen, D., Ullenhag, A., Rosenbaum, P., & Granlund, M. (2016). 'Participation': a systematic review of language, definitions, and constructs used in intervention research with children with disabilities. *Developmental Medicine & Child Neurology*, 58(1), 29-38.
- Jarus, T., Anaby, D., Bart, O., Engel-Yeger, B., & Law, M. (2010). Childhood participation in after-school activities: what is to be expected? *British Journal of Occupational Therapy*, 73(8), 344-350.
- Larson, R. W. & Verma, S. (1999). How children and adolescents spend time across the world: work, play, and developmental opportunities. *Psychological bulletin*, 125(6), 701.
- Law, M. (2002). Participation in the occupations of everyday life. *American Journal of Occupational Therapy*, 56(6), 640-649.
- Law, M., Anaby, D., Teplicky, R., Khetani, M. A., Coster, W., & Bedell, G. (2013). Participation in the home environment among children and youth with and without disabilities. *The British Journal of Occupational Therapy*, 76(2), 58-66.
- Martins S., Sanches-Ferreira M. (2014) Parent's Report on Their Children participation: Translation, Adaptation and Psychometric Properties of the PEM-CY *In*: Trabalho

ECER 2014-The European Conference on Educational Research, *In* Proceedings of the European Conference on Educational Research, ECER, Porto.

Matias, N. C. F. (2010). A importância de políticas públicas além da escola formal para o desenvolvimento infantil e adolescente: uma revisão de literatura. *Interação em Psicologia*, *14*(1).

Moreira, M. I. C., Rena, L. C. C. B., & Sousa, M. D. C. (2013). Os sentidos construídos por adolescentes e jovens em contextos institucionais no Barreiro (BH) e Betim (MG) para a participação social e política. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(2), 397-404.

Ochs, E., & Izquierdo, C. (2009). Responsibility in childhood: Three developmental trajectories. *Ethos*, *37*(4), 391-413.

Poletto, M., Wagner, T. M. C., & Koller, S. H. (2004). Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 20(3), 241-250.

Seixas, A. A. C., Becker, B., & Bichara, I. D. (2012). Reprodução interpretativa e cultura de pares nos grupos de brincadeira da Ilha dos Frades/BA. *Psico*, 43(4).

Simionato-Tozo, S. M. P., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 8(14/15), 137-150 Spizzirri, R. C. P., Wagner, A., Mosmann, C. P., & Armani, A. B. (2012). Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. *Psicol. argum*, 30(69), 327-335.

White, L. K., & Brinkerhoff, D. B. (1981). Children's work in the family: Its significance and meaning. *Journal of Marriage and the Family*, 789-798.

World Health Organization. (2001). *International Classification of Functioning, Disability and Health: ICF.* World Health Organization.

World Health Organization. (2007). International Classification of Functioning, Disability, and Health: Children & Youth Version: ICF-CY. World Health Organization.

# **QUADROS E TABELAS**

QUADRO 1-	Cálculo e interpro	etação de escores do PEM-CY	
ÁREA	DESFECHO	CÁLCULO DOS ESCORES	INTERPRETAÇÃO
	Frequência	Soma de todos os pontos, dividida pelo número de itens respondidos com frequência diferente de zero (%).	Fornece a média da frequência na qual o indivíduo realiza as atividades das quais participa naquele contexto. A frequência de participação é diretamente proporcional ao percentil encontrado.
Participação	Nº de atividades	Soma de itens com resposta de frequência diferente de 'nunca', dividida pelo número de itens do contexto.	Fornece uma indicação da diversidade de atividades que o indivíduo participa naquele contexto. O número de atividades nas quais a criança/adolescente participa é diretamente proporcional ao percentil encontrado.
	Envolvimento	Soma de todos os pontos, dividida pelo número de itens respondidos (%).	Fornece uma indicação do quanto o indivíduo se envolve ao participar das atividades naquele contexto. O nível de envolvimento é diretamente proporcional ao percentil encontrado.
Contonto	Barreiras	Soma do número de itens com resposta igual a 'geralmente torna mais difícil' dividida pelo número de itens respondidos nessa seção do teste (%).	Fornece uma porcentagem da quantidade de barreiras existentes naquele contexto. Indicando o quanto fatores contextuais são percebidos como dificultadores da participação. O número de barreiras é diretamente proporcional ao percentil encontrado.
Contexto	Facilitadores	Soma do número de itens com resposta igual a 'geralmente ajuda' dividida pelo número de itens respondidos nessa seção do teste (%).	Fornece uma porcentagem da quantidade de facilitadores existentes naquele contexto. Indicando o quanto fatores contextuais são percebidos como suporte à participação. O número de facilitadores é diretamente proporcional ao percentil encontrado.

TABELA 1- Características descritivas da amostra

CAR	ACTERÍSTICA	GRUPOS (po econô		Valor p***
	-	Alto (n=109)	Baixo (n=89)	- <i>p</i>
Sexo da criança/adolescente*	Masculino Feminino	48 (44%) 61 (56%)	44 (49,4%) 45 (50,6%)	0,448
ldade da criança/adolescente (anos)	Média**	11,3 (3,37)	11,1 (3,4)	0,909
Nível sócio econômico familiar*	A B1-B2 C1-C2 D-E	31 (28,4%) 78 (71,6%) 0 (0%) 0 (0%)	0 (0%) 0 (0%) 74 (83,1%) 15 (16,9%)	
Escolaridade do respondente*	Fundamental incompleto/completo Médio incompleto/completo Superior incompleto/completo	6 (5,5%) 34 (31,2%) 69 (63,3%)	42 (47,1%) 38(42,7%) 9 (10,1%)	
Relação do respondente com criança/adolescente*	Mãe Pai Irmã (o) Avó Outros****	42 (38,5%) 31 (28,4%) 10 (9,2%) 4 (3,7%) 22 (20,2%)	62 (69,7%) 13 (14,6%) 5 (5,6%) 7 (7,9%) 2 (2,2%)	

<sup>\*</sup>Frequência e (porcentagem); \*\*Média e (desvio padrão); \*\*\*Equivalência entre grupos foi verificada pelo teste-t independente e qui-quadrado, para variável numérica e categórica, respectivamente.

<sup>\*\*\*\*</sup>Inclui outros graus de parentesco: tio (a), primo (a), empregada doméstica/ cuidadora, padrasto e madrinha, sendo que estas pessoas moram e/ou convivem diariamente com as crianças/adolescentes.

TABELA 2- Parti	cipação em casa, na	escola e na	comunidad	e por categoria de N	NSE
Contexto	Desfecho	Caracte	erística	Índices*	Diferença entre grupos**
	Frequência	NSE	Baixo	92,96 (4,38)	0,006 (0,04)
CASA	Nº de atividades	NSE	Alto Baixo Alto	91,05 (5,31) 90,11 (9,35) 95,32 (7,88)	0,000 (0,08)
	Envolvimento	NSE	Baixo Alto	87,63 (8,36) 83,16 (8,61)	0,000 (0,07)
	Frequência	NSE	Baixo Alto	81,05 (12,99) 78,75 (14,17)	0,206 (0,01)
ESCOLA	Nº de atividades	NSE	Baixo Alto	69,89 (19,09) 78,17 (18,76)	0,003 (0,05)
	Envolvimento	NSE	Baixo Alto	93,19 (10,61) 89,33 (14,05)	0,018 (0,03)
	Frequência	NSE	Baixo Alto	64,80 (12,33) 66,74 (12,90)	0,328 (0,01)
COMUNIDADE	Nº de atividades	NSE	Baixo Alto	47,64 (16,09) 60,46 (13,36)	0,000 (0,16)
	Envolvimento	NSE	Baixo Alto	92,23 (9,72) 87,56 (11,50)	0,001 (0,06)

<sup>\*</sup> Média em porcentagem e (desvio padrão); \*\* Valor-p e (tamanho de efeito partial êta squared-  $\eta 2$ )

TABELA 3- Comparações da participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade

DESFECHO		CONTEXTO*	<del>-</del>	Diferença entre	Comparações bivariadas***					
DESFECTIO	Casa	Escola	Comunidade	contextos**						
Frequência	91,91 (4,99)	79,79 (13,66)	65,87 (12,65)	0,0001 (0,63)	Casa > Escola e Comunidade Escola > Comunidade Comunidade < Casa e Escola					
Nº de atividades	92,98(8,93)	74,44 (19,31)	54,70 (15,95)	0,0001 (0,69)	Casa > Escola e Comunidade Escola > Comunidade Comunidade < Casa e Escola	<i>p</i> = 0,0001				
Envolvimento	85,17 (8,77)	91,07 (12,74)	89,66 (10,96)	0,0001 (0,15)	Casa < Escola e Comunidade Escola > Casa Comunidade > Casa					

<sup>\*</sup> Média em porcentagem e (desvio padrão); \*\* Valor p e (tamanho de efeito partial êta squared-  $\eta$ 2); \*\*\* Diferenças encontradas via teste post hoc de Bonferroni

Contexto	Car	acterística	Índices*	Diferença NSE**	Diferença contextos**	Comparações bivariadas**
0	NOE	Baixo	4,97 (9,16)			
Casa	NSE -	Alto	3,93 (8,88)			
Escola	NSE	Baixo	4,74 (11,09)	0,819 (0,001)	0,0001 (0,06)	Casa< Comunidade Escola < Comunidade
LSCOIA	_	Alto	4,99 (8,87)	0,019 (0,001)	0,0001 (0,00)	(p=0,0001)
	NOE	Baixo	7,74 (8,44)			
omunidade	NSE	Alto	7,84 (8,85)			

<sup>\*</sup> Média em porcentagem e (desvio padrão); \*\* Valor *p* e (tamanho de efeito partial êta squared- η2); \*\*\* Diferenças encontradas via Teste *post hoc* de Bonferroni

Contexto	Caract	terística	Índices*	Diferença NSE**	Diferença contextos**	Comparações bivariadas*				
		Baixo	7,54 (8,63)							
Casa	NSE	Alto	10,74 (12,31)			Casa< Escola				
		Baixo	11,98 (13,42)	0,014 (0,03)		(p=0,0001)				
Escola	NSE	Alto	16,71 (17,60)	0,014 (0,03)	0,0001 (0,06)	Casa < Comunidade (p=0,021)				
		Baixo	10,36 (12,05)			Escola > Comunidade				
Comunidade	NSE	Alto	13,04 (12,08)			(p=0,046)				

<sup>\*</sup> Média em porcentagem e (desvio padrão); \*\* Valor p e (tamanho de efeito partial êta squared-  $\eta 2$ ); \*\*\* Diferenças encontradas via Teste Post Hoc de Bonferroni

# 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou a participação de crianças e adolescentes com desenvolvimento típico nos contextos da casa, da escola e da comunidade e a interferência do nível socioeconômico na participação e na presença de barreiras e facilitadores nos três referidos contextos, demonstrando diferenças significativas acerca dos desfechos abordados.

A casa se configura como um contexto com mais oportunidades e/ou demandas de participação, principalmente para crianças e adolescentes de baixo NSE, entretanto é o contexto no qual as crianças e adolescentes demonstram menor envolvimento ao realizarem as atividades. Na escola menos diferenças significativas são observadas em relação aos outros contextos, realçando as legislações educacionais existentes sobre este contexto. Já a comunidade é o contexto no qual as crianças e adolescentes mais se envolvem, mas tendências atuais de crescimento metropolitano têm interferido negativamente neste contexto, levando a maiores quantidades de barreiras e menores índices de frequência e número de atividades realizadas na comunidade.

O baixo nível socioeconômico impacta negativamente a quantidade de facilitadores e o número de atividades, assim como interfere positivamente no envolvimento das crianças e adolescentes pertencentes a famílias de baixo NSE nos três contextos. Entretanto, estes aspectos devem ser mais bem investigados, pois os motivos que levam a índices aumentados podem ser decorrentes da privação de oportunidades, geralmente presente para crianças e adolescentes deste grupo.

Viu-se que o nível socioeconômico não atua de forma isolada na participação de crianças e adolescentes, uma vez que se relaciona a aspectos distintos, como as necessidades, oportunidades, escolhas e posturas dos cuidadores diante da participação de seus filhos, podendo apoiar ou dificultar a participação de acordo com o contexto e com outros fatores que o permeiam. Dessa forma, apresentar e

discutir a participação de crianças e adolescentes com desenvolvimento típico, assim como abordar o impacto do nível socioeconômico em casa, na escola e na comunidade contribuiu para a compreensão da complexidade do fenômeno.

Por fim, os dados deste estudo ampliaram os conhecimentos acerca da participação de crianças e adolescentes, podendo contribuir para o aprimoramento e criação de parâmetros úteis aos serviços voltados à saúde e à educação deste público. No entanto, esta é uma área de investigação de grande desafio e que necessita de mais aprofundamento sobre outros fatores contextuais que possam impactar a participação nestes contextos. Além disso, esta pesquisa engloba apenas uma pequena esfera brasileira e analisa os níveis socioeconômicos estratificando-o em dois grupos, nos quais a amostra predominante é de classes intermediárias. Assim, sugere-se que estudos futuros abranjam outros fatores contextuais e que permeiam o envolvimento nas atividades. Pode-se também abordar e estratificar uma gama maior da população, envolvendo outros níveis socioeconômicos e áreas menos urbanizadas ou rurais a fim de obter novos parâmetros de análise para compreensão da participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade.

## 5. REFERÊNCIAS

AMARAL, MF et al. Household task participation of children and adolescents with cerebral palsy, Down syndrome and typical development. Research in developmental disabilities, v. 35, n. 2, p. 414-422, 2014.

AMAZONAS MCLA, DAMASCENO PR, TERTO LMS, SILVA RR. Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 2003; 8,11-20.

ANABY D., LAW M., COSTER W., BEDELL G., KHETANI M., AVERY L., TEPLICKY R. The mediating role of the environment in explaining participation of children and youth with and without disabilities across home, school, and community. Arch Phys Med Rehabil.; 2014, 95(5), 908-17.

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). Critério de Classificação Econômica Brasil 2015. Disponível em: <a href="http://www.abep.org/criterio-brasil">http://www.abep.org/criterio-brasil</a> >Acesso em 04/09/2015.

Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras. – Brasília: PNUD, Ipea, FJP, 2014. 120 p. – (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil).

BADLEY EM. Enhancing the conceptual clarity of the activity and participation components of the International Classification of Functioning, Disability, and Health. Soc Sci Med, 2008; 66: 2335-2345.

BEDELL G., COSTER W, LAW M, LILJENQUIST K, KAO Y-C, TEPLICKY R, ANABY D., KHETANI M. Community Participation, Supports, and Barriers of School-Age Children With and Without Disabilities. Arch Phys Med Rehabil, 2013; 94, 315-23.

BICHARA, I.D. et al. Brincadeiras no contexto urbano: um estudo em dois logradouros de Salvador (BA). Boletim Academia Paulista de Psicologia, v. 26, n. 2, p. 39-52, 2006.

BRASIL. Diretrizes e Bases da educação nacional. LEI Nº 9.394,DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: <a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/Leis/L9394.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/Leis/L9394.htm</a>. Acesso em: 20/12/2016.

BRUSCHINI, MCA.; RICOLDI, AM. Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. Cad. Pesqui., São Paulo , v. 39, n. 136, p. 93-123, Apr. 2009 .

CANO MAT., SILVA CA., SILVA TAVB. Brincando de casinha: o trabalho doméstico, familiar ou não, de crianças e adolescentes do sexo feminino na cidade de Franca – SP. Investigação – Revista Científica da Universidade de Franca Franca (SP) v.6 n. 1 jan. / abr. 2006.

COSTER W, KHETANI MA. Measuring participation of children with disabilities: Issues and challenges. Disability and Rehabilitation, 2008; 30(8): 639 – 648.

COSTER W, LAW M, BEDELL G, LILJENQUIST K, KAO Y-C, KHETANI M, TEPLICKY R. School participation, supports and barriers of students with and without disabilities School participation. *Child: care, health and development*, 2013; 39(4), 535–543.

COSTER W., LAW M., BEDELL G., KHETANI MA., COUSINS M, TEPLICKY R. Development of the Participation and Environment Measure for Children and Youth: Conceptual basis. Disabil Rehabil; 2012, 34(3), 238-46.

COSTER WJ., BEDELL G., LAW M., KHETANI MA., TEPLICKY R., LILJENQUIST K., GLEASON K., KAO Y. Psychometric evaluation of the Participation and Environment Measure for Children and Youth (PEM-CY). Dev Med Child Neurol; 2011, 53(11), 1030-7.

DRUMMOND AF, GOMES AM, COSTER WJ, MANCINI MC. Predictive Factors of Household Task Participation in Brazilian Children and Adolescents. OTJR: Occupation, Participation, and Health, 2015. 35(2):101-9.

DRUMMOND AF. Participação de crianças e adolescentes nas tarefas domésticas. [Tese]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2014.

DUNN, L et al. Factors associated with participation of children with and without ADHD in household tasks. Physical & occupational therapy in pediatrics, v. 29, n. 3, p. 274-294, 2009.

FONSECA, FF et al. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. Rev paul pediatr, v. 31, n. 2, p. 258-64, 2013.

FREIRE VRBP, SILVA SSC, PONTES FAR, BORGES JAR, MOURA MLS. Atividades Acadêmicas na Rotina de Crianças Ribeirinhas Participantes do Programa Bolsa Família. *Psicologia: Teoria e PesquisaAbr-Jun 2013, Vol. 29 n. 2, pp. 159-166.* 

GESELL A. A criança dos 5 aos 10 anos. São Paulo: Martins Fontes; 1998.

IMMS, C. et al. 'Participation': a systematic review of language, definitions, and constructs used in intervention research with children with disabilities. Developmental Medicine & Child Neurology, v. 58, n. 1, p. 29-38, 2016.

JARUS T, ANABY D, BART O, ENGEL-YEGER B, LAW M. Childhood participation in after-school activities: what is to be expected? British Journal of Occupational Therapy, 2010; 73(8), 344-350.

LANCY, D. F., & GROVE, M. A. Getting Noticed. Human Nature, 22(3), 281, 2011.

LARSON, Reed W.; VERMA, Suman. How children and adolescents spend time across the world: work, play, and developmental opportunities. Psychological bulletin, v. 125, n. 6, p. 701, 1999.

LAW M. Participation in the occupations of everyday life. Am J Occup Ther, 2002; 56(6): 640–649.

LAW M., ANABY D., TEPLICKY R., KHETANI MA., COSTER W., BEDELL G. Participation in the home environment among children and youth with and without disabilities. British Journal of Occupational Therapy, 2013; 76(2), 58–66.

MARTINS S., SANCHES-FERREIRA M. Parent's Report on Their Children participation: Translation, Adaptation and Psychometric Properties of the PEM-CY *In*: Trabalho ECER 2014-The European Conference on Educational Research, *In* Proceedings of the European Conference on Educational Research, ECER 2014, Porto.

MATIAS, N.C.F. A importância de políticas públicas além da escola formal para o desenvolvimento infantil e adolescente: uma revisão de literatura. Interação em Psicologia, v. 14, n. 1, 2010.

MOREIRA, M.I.C.; RENA, L.C.C.B.; SOUSA, M.C. Os sentidos construídos por adolescentes e jovens em contextos institucionais no Barreiro (BH) e Betim (MG) para a participação social e política. Estudos de Psicologia (Natal), v. 18, n. 2, p. 397-404, 2013.

OCHS, Elinor; IZQUIERDO, Carolina. Responsibility in childhood: Three developmental trajectories. Ethos, v. 37, n. 4, p. 391-413, 2009.

POLETTO, M.; WAGNER, T.M.C.; KOLLER, S.H. Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* set-dez 2004, vol.20 n. 3, pp. 241-250.

PORTNEY, L.G., & WATKINS, M.P. Statistical Measures of Reability. *In:* \_\_\_\_\_. *Foundations of clinical research: applications to practice.* Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2009, cap. 26, p. 585-618.

ROGOFF B., SELLERS MJ., PIRROTA S., FOX N, WHITE SH. Age of assignment of roles and responsabilities to children. Humam Development; 1975, 18, 353-369.

SAYER, Liana C.; GAUTHIER, Anne H.; FURSTENBERG, Frank F. Educational differences in parents' time with children: Cross-national variations. Journal of marriage and family, v. 66, n. 5, p. 1152-1169, 2004.

SEIXAS, A.A.C; BECKER, B; BICHARA, I.D. Reprodução interpretativa e cultura de pares nos grupos de brincadeira da Ilha dos Frades/BA. Psico, v. 43, n. 4, 2012.

SIMIONATO-TOZO, S.M.P; BIASOLI-ALVES, Z.M.M. O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 8, n. 14/15, p. 137-150, 1998.

SPIZZIRRI, Rosane Cristina Pereira et al. Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. Psicol. argum, v. 30, n. 69, p. 327-335, 2012.

SPSS- IBM Corp. Released 2010. IBM SPSS Statistics for Windows, Version 19.0. Armonk, NY: IBM Corp.

WHITE LK., BRINKERHOFF DB. Children's work in the family: its significance and meaning. *Journal of Marriage and Family*, 1981; 43(4), 789-798.

World Health Organization (WHO). International Classification of Functioning, Disability and Health. Geneva; 2001.

World Health Organization (WHO). International Classification of Functioning, Disability and Health- Children and Youth version. Geneva; 2007.

## ANEXO A- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG



#### UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Projeto: CAAE - 52593915.5.0000.5149

Interessado(a): Profa. Adriana de França Drummond
Departamento de Terapia Ocupacional
EEFFTO- UFMG

#### **DECISÃO**

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 18 de abril de 2016, o projeto de pesquisa intitulado "Participação de crianças e adolescentes com desenvolvimento típico em casa, na escola e na comunidade" bem como:

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

Profa. Dra. Telma Campos Medeiros Lorentz Coordenadora do COEP-UFMG

Jetma Campos of legenos borentz

# **ANEXO B- Participation and Environment Measure- Children and Youth**

FOR OFFICE USE ONLY: \_\_\_\_\_ (ID)

Participation and Environment Measure - Children and Youth® (Medida da Participação e do Contexto - Crianças e Jovens)

Wendy Coster, Mary Law, Gary Bedell

Permissão concedida para reproduzir a Medida da Participação e do Contexto—Crianças e Jovens (Participation and Environment Measure—Children and Youth, PEM-CY) em páginas inteiras com informação de copyright, para investigação e prática clinica e não para revenda. Modificações aos itens ou estrutura da PEM-CY, assim como traduções para outros idiomas, não podem ser realizadas sem permissão escrita dos autores.

#### INSTRUÇÕES PARA PESQUISA

Participação refere-se ao envolvimento da criança em atividades importantes do quotidiano, em casa, na escola e na comunidade. O significado de participação inclui com que frequência a criança faz as atividades, E o quão envolvida está quando faz essas atividades.

O inquérito coloca uma série de questões acerca da participação da criança em 25 tipos de atividades que ocorrem em três contextos: casa, escola e comunidade. Apresentamos alguns exemplos para ilustrar cada tipo de atividade. No entanto, deve pensar em todas as atividades que pertencem a essa categoria quando responde a essas questões.

Para cada tipo de atividade perguntamos:

- 1. com que frequência a sua criança participou ao longo dos últimos 4 meses
- 2. quão envolvida está a sua criança quando participa em 1 ou 2 atividades deste tipo que, ele ou ela, faça com mais frequência
- 3. se gostaria que a participação da sua criança mudasse (ou não), se sim, como gostaria que mudasse

#### IMPORTANTE

Este inquérito não pergunta acerca do nível de independência da sua criança quando participa nas atividades. "Envolvimento" refere-se ao quão empenhada a sua criança está na atividade, usando que apoios, ajudas, adaptações, ou métodos que use regularmente ou que tenha disponível.

Quando selecionar a sua resposta, por favor pense acerca do nível de atenção, concentração, empenho emocional, ou satisfação da sua criança (considerando o uso de suportes ou ajudas que estão geralmente disponíveis).

Muito envolvida = De forma geral, a criança está empenhada durante a atividade. Mostra muita iniciativa e/ou interesse e atenção ao que ele ou ela e outros estão a fazer durante a atividade.

<u>Algo envolvido</u> = A criança está empenhada na atividade durante algum tempo. Mostra alguma iniciativa e/ou interesse e atenção ao que ele ou ela e outros estão a fazer durante a atividade.

Minimamente envolvido = A criança está empenhada uma pequena parte do tempo da atividade. Mostra pouca iniciativa e/ou interesse e atenção ao que ele ou ela e outros estão a fazer durante a atividade.

Se existem aspetos que ajudam ou tornam a participação da sua criança mais difícil, tais como equipamentos ou apoio de outros, pode dizer-nos acerca do seu impacto nas secções de contexto doméstico, contexto escolar e contexto comunitário deste inquérito.

Participação em CAS	Participação em CASA					participa nas atividades apresentadas ou parecidas, dentro de cada uma das categorias abaixo indicadas?										B) Pense em <u>cada uma das</u> <u>atividades ou parecidas</u> , dentro de cada uma das categorias abaixo indicadas, em que a sua criança participe com mais frequência. Tipicamente, <u>quão</u> <u>envolvida</u> esta a sua criança quando faz essas atividades? MARQUE UMA RESPOSTA ☑					c) Gostaria que a participação da sua criança <u>mudasse</u> neste tipo de atividade?  SE SIM, MARQUE TODAS AS QUE SE APLICAM Ø			
	/*	startation by	de la	a de la de	and or of the second	a set pot	entra de la companya	de de res	The state of the s	de la		Se trada	8 /3		See of	a de de la constante de la con	a vale de	did die	S Edward Page 1	Strange of the state of the sta	Lind Company	/		
1) Jogos de computador e consolas																				I				
Jogos e brincadeiras no interior (ex. brincar com brinquedos, puzzles, jogos de tabuleiro, brincar às cozinhas ou jogos de faz de conta)																								
Artes, trabalhos manuais, música e passatempos (ex. fazer trabalhos manuais e de arte, ouvir música, tocar um instrumento, colecionar, ler por prazer, cozinhar por gosto)																								
4) Ver TV, vídeos e DVDs																				l				
5) Estar com outras pessoas (ex. interagir com pares, familiares, hóspedes)																								
6) Socializar usando tecnologías (ex. telefone, computador)																				1				
7) Tarefas domésticas (ex. pôr/tirar louça da máquina de lavar louça, limpar o quarto ou outras áreas da casa, ozinhar, levar o lixo, pôr a mesa, cuidar de animal doméstico)																								
Cuidados pessoais     (ex. vestir-se, escolher a roupa, escovar o cabelo e dentes, colocar maquiagem)																								
Preparação para a escola (não trabalho de casa)     (ex. reunir materiais, preparar a mochila, colocar lanche na mochila, rever horário)																								
10) Trabalhos de casa (ex. leituras diárias, trabalhos para casa, projectos escolares)																								

# Contexto de CASA

Os seguintes aspetos <u>ajudam ou tornam mais difícil</u> a participação da sua criança em atividades em casa?  SELECIONE UMA RESPOSTA 🗹	Não é um problema	Geralmente ajuda	Às vezes ajuda; às vezes dificulta	Geralmente torna mais difícil
1. A disposição física ou a quantidade de espaço e mobilia em sua casa				
2. As qualidades sensoriais do contexto doméstico (ex. quantidade e/ou tipo de som, luz, temperatura, textura dos objetos)				
3. As exigências físicas das atividades típicas do contexto doméstico (ex. força, resistência, coordenação)				
4. As exigências cognitivas das atividades típicas do contexto doméstico (ex. concentração, atenção, resolução de problemas)				
5. As exigências sociais das atividades típicas do contexto doméstico (ex. comunicação, interação com outros)				
6. O relacionamento da sua criança com os elementos da família em casa (ex. irmãos mais novos, pais, avós)				
7. As atitudes e ações das babysitters, terapeutas e outros profissionais que cuidam da sua criança em contexto doméstico				

SELECIONE UMA RESPOSTA ☑	Não é necessário	Geralmente, sim	Às vezes sim; às vezes não	Geralmente, não
8. Há em sua casa serviços disponíveis e/ou adequados para apoiar a participação da sua criança?				

# Contexto de CASA

Os seguintes estão disponíveis/ ou adequados para apoiar a participação da sua criança em casa?  SELECIONE UMA RESPOSTA ☑	Geralmente, sim	Às vezes sim; às vezes não	Geralmente, não
Materiais em casa (ex. equipamento desportivo, material de trabalhos manuais, material de leitura, dispositivos de auxílio e tecnologias, horários de imagens ou palavras)			
10. Informação (ex. acerca de atividades, serviços, programas)			
11. Tem (ou a sua família) tempo suficiente para apoiar a participação da criança em casa?			
12. Tem (ou a sua família) dinheiro suficiente para apoiar a participação da criança em casa?			

Quais algumas das coisas que faz, ou outros elementos da família, que ajudam a sua criança a participar com sucesso nas atividades em casa?
POR FAVOR LISTE ATÉ 3 ESTRATÉGIAS
1
2.
3.

		_		_																
Participação na ESCOLA				P	articip	a nas <u>a</u> as, den indicad	tividad tro de ( as?	es apre cada ur	sentad na das	uência a sua criança entadas ou a das categorias a das categorias a das categorias abaixo indicadas, em que a sua criança participe com mais frequência. Tipicamente, <u>quão</u> envolvida está a sua criança quando faz essas atividades? MARQUE UMA RESPOSTA ☑					o cri at	atividade?				
	/	de la	areas ver	a do ser de	and	a par right	REPORT OF	a street	A LEGICA A C	S COLOR OF THE PERSON OF THE P	0 / 3k	So the st	8/4		100 100 100 100 100 100 100 100 100 100	de d	a date of the state of the stat	Bard St.	Set of the set	
Atividades em sala de aula     (ex. trabalho de grupo, discussões na turma, testes, trabalhos na sala)																				
Excursões e eventos na escola (ex. ir ao museu, feira escolar, concerto ou peça, danças, angariação de fundos)																				
Equipas dinamizadas pela escola, clubes e organizações (ex. grupos, olubes, equipas, associação de estudantes)																				
Estar com os colegas fora da sala (ex. estar com os colegas no almoço, no intervalo ou em outras pausas do dia escolar)																				
5) Papéis específicos na escola (ex. tutor de outro aluno, delegado de turma)																				

# Contexto ESCOLAR

Os seguintes aspetos <u>ajudam ou tornam mais difícil</u> a participação da sua criança em atividades na escola?  SELECIONE UMA RESPOSTA 🗹	Não é um problema	Geralmente ajuda	Às vezes ajuda; às vezes dificulta	Geralmente torna mais difícil
A disposição física ou a quantidade de espaço na sala de aula, recreio, ou em outras áreas do edifício escolar (ex. presença de passeios, disponibilidade de rampas ou elevadores no edifício escolar)				
2. As qualidades sensoriais do contexto escolar (ex. barulho, multidões, iluminação, etc.)				
3. Condições atmosféricas exteriores (ex. temperatura, clima)				
4. As exigências físicas das atividades escolares (ex. força, resistência, coordenação)				
5. As exigências cognitivas das atividades típicas do contexto escolar (ex. concentração, atenção, resolução de problemas)				
6. As exigências sociais das atividades típicas do contexto escolar (ex. comunicação, interação com outros)				
7. Atitudes e ações de professores, treinadores ou pessoal da escola face à sua criança				
8. O relacionamento da sua criança com os colegas				
9. A segurança da escola (ex. supervisão, crime, violência)				

Os seguintes estão disponíveis/ ou adequados para apoiar a participação da sua criança na escola?  SELECIONE UMA RESPOSTA ☑	Não é necessário	Geralmente, sim	Às vezes sim; às vezes não	Geralmente, não
10. Acesso a transporte pessoal para ir para a escola (ex. carro familiar ou bicicleta)				
11. Acesso a transportes públicos para ir para a escola (ex. autocarro, comboio, metro)				
12. Programas e serviços (ex. depois da escola, recreativos, recursos especiais, ajudas/assistentes educacionais)				
13. Políticas e procedimentos relacionados com a escola (ex. critérios de elegibilidade para serviços, regras de comportamento)				

# Contexto ESCOLAR

Os seguintes estão disponíveis/ ou adequados para apoiar a participação da sua criança na escola?  SELECIONE UMA RESPOSTA ☑	Geralmente, sim	Às vezes sim; às vezes não	Geralmente, não
14. Materiais (ex. dispositivos de auxílio ou tecnologías, material de leitura, equipamento desportivo, material de trabalhos manuais)			
15. Informação (ex. acerca de atividades, serviços, programas)			
16. Tem (ou a sua família) tempo suficiente para apoiar a participação da criança na escola?			
17. Tem (ou a sua família) dinheiro suficiente para apoiar a participação da criança na escola?			

Quais algumas das coisas que faz, ou outros elementos da família, que ajudam a sua criança a participar com sucesso nas atividades na escola?
POR FAVOR LISTE ATÉ 3 ESTRATÉGIAS
1
2.
3.

		_		_																		
Participação na COMUNIDADE		and the state of t	and val	P	articipa arecida baixo i	a nas <u>a</u> as, deni ndicada	tividad tro de d as?	es apre cada un	sentadi na das (	as ou categor	rias	ati de abs sus fre en	ridade cada u aixo in a crian quênci volvida ando fa MARQU	em <u>cad</u> s ou par ima da: dicadas ça parti a. Tipici está a az essas E UMA i	ecidas s categ s, em qu cipe co amente sua cris ativida RESPO	dentro orias ue a m mais o, quão ança ades? STA 🗹	critati			neste tipo	de S QUE SE	E
Saídas na vizinhança (ex. fazer compres na loja/ centro comercial, ir ao cinema, ir ao restaurante, ir à livraria ou biblioteca local)	*	P. P.	1	Page 1	l lit		/ ur	, kill	(/ 6	<u>/                                    </u>	34	72	/,*	#	gir.	- Gr	Sir.	4	St. A	<b>"</b>		
Eventos na comunidade    (ex. ir a uma peça, concerto, eventos desportivos, desfile)																						
Atividades físicas organizadas (ex. desportos em equipa ou treinos tais como futebol, hóquel, artes marciais, dança, equitação, natação, ginástica)																						
Atividades físicas não estruturadas (ex. caminhades na natureza, ander de bicicleta, patins em linha, ander de skate, brincar às escondidas ou apanha, "dar uns toques" com bola)																						
5) Aulas e cursos (não escolares) (ex. música, arte, outras linguas, computadores)																						

		_																				
Participação na COMUNIDADE	/4	and the state of t	and and	P	articipa arecida baixo i	a nas <u>a</u> as, den ndicad MA	tividad tro de das?	que frec les apre cada un UMA RE	sentada na das (	as ou categor	rias	ati de ab su fre en qu	vidade cada i aixo in a crian quênci volvida ando fi MARQU	em <u>cad</u> s ou pai uma da dicadas ça parti a. Tipic está a az essas E UMA	recidas s categ s, em q cipe co amente sua cri s ativid RESPO	, dentro corias ue a m mais e, <u>quão</u> ança ades? STA ☑	o cri	iança <u>m</u> ividade <sup>*</sup> SE SIM,	nudasse ? , MARQU	participaç neste tipo	de AS QUE S	E
Organizações, grupos, clubes e atividades de voluntariado ou liderança (ex. escuteiros, grupos de Jovens, associações)																				ſ		
7) Encontros e atividades religiosas ou espirituais (ex. Ir à igreja ou templo, aulas de religião-catequese, grupos)																						
Estar com outras crianças da comunidade     (ex. sair com amigos, encontros informais fora do contexto de casa ou escola)																						
Trabalho remunerado     (ex. babysitting, trabalhar numa loja, fazer tarefas ou recados a troco de dinheiro/pagamento)																						
10) Viagens ou visitas em que passa noite fora (ex. domir em casa de familiares ou amigos, férias, acampamentos)																						

# Contexto da COMUNIDADE

Os seguintes aspectos <u>ajudam ou tornam mais difícil</u> a participação da sua criança em atividades na comunidade?  SELECIONE UMA RESPOSTA ☑	Não é um problema	Geralmente ajuda	Às vezes ajuda; às vezes dificulta	Geralmente torna mais difícil
1. A disposição física ou a quantidade de espaço no exterior e interior dos edifícios (ex. distância até às lojas, existência de passeios, existência de rampas ou elevadores)				
2. As qualidades sensoriais dos contextos comunitários (ex. barulho, multidões, iluminação)				
3. As exigências físicas de atividades típicas (ex. força, resistência, coordenação)				
4. As exigências cognitivas das atividades típicas (ex. concentração, atenção, resolução de problemas)				
5. As exigências sociais das atividades típicas (ex. comunicação, interação com outros)				
6. O relacionamento da sua criança com os colegas				
7. Atitudes e ações de outros membros da comunidade face à sua criança (ex. lojistas, instrutores, treinadores, outros familiares)				
8. Condições atmosféricas exteriores (ex. temperatura, clima)				
9. A segurança da comunidade (ex. tráfico, crime, violência)				

Os seguintes estão disponíveis/ ou adequados para apoiar a participação da sua criança na comunidade?  SELECIONE UMA RESPOSTA ☑	Não é necessário	Geralmente, sim	Às vezes sim; às vezes não	Geralmente, não
10. Acesso a transporte pessoal para ir a atividades na comunidade (ex. carro familiar ou bicicleta)				
11. Acesso a transportes públicos para ir a atividades na comunidade (ex. autocarro, comboio, metro)				
12. Programas e serviços (ex. programas de desporto inclusivo, assistentes de apoio pessoal)				

# Contexto da COMUNIDADE

Os seguintes estão disponíveis/ ou adequados para apoiar a participação da sua criança na comunidade?  SELECIONE UMA RESPOSTA ☑	Geralmente, sim	Às vezes sim; às vezes não	Geralmente, não
13. Informação (ex. acerca de atividades, serviços, programas)			
14. Equipamentos ou material (ex. equipamento desportivo, material de trabalhos manuais, material de leitura, dispositivos de auxílio ou tecnologias)			
15. Tem (ou a sua família) tempo suficiente para apoiar a participação da criança na comunidade?			
16. Tem (ou a sua família) dinheiro suficiente para apoiar a participação da criança na comunidade?			

1	Quais algumas das coisas que faz, ou outros elementos da família, que ajudam a sua criança a participar com sucesso nas atividades na comunidade?				
	POR FAVOR LISTE ATÉ 3 ESTRATÉGIAS				
	1				
	2.				
	3.				

## ANEXO C- Critério de Classificação Econômica Brasil

#### Modelo de Questionário sugerido para aplicação

P.XX Agora vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicilio para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

INSTRUÇÃO: Todos os itens devem ser	perguntados pelo entrevistador e respondidos pel	lo
entrevistado.		
Vamos começar? No domicílio tem	(LEIA CADA ITEM)	

		QUANTIDADE QUE POS		OSSU	
ITENS DE CONFORTO	NÃO POSSUI	1	2	3	41
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho	(			1 3	
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras		j j			
Quantidade de freezers independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones				. 20	
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fomos de micro-ondas				9 %	
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca				7-8	

A água utilizada neste domicílio é proveniente de?		
1	Rede geral de distribuição	
2	Poço ou nascente	
3	Outro meio	

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:		
1	Asfaltada/Pavimentada	
2	Terra/Cascalho	

Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.

Nomenclatura atual	Nomenclatura anterior
Analfabeto / Fundamental I incompleto	Analfabeto/Primário Incompleto
Fundamental I completo / Fundamental II	
incompleto	Incompleto
Fundamental completo/Médio	Ginásio Completo/Colegial
incompleto	Incompleto
Médio completo/Superior incompleto	Colegial Completo/Superior
	Incompleto
Superior completo	Superior Completo

#### OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

Este critério foi construído para definir grandes classes que atendam às necessidades de segmentação (por poder aquisitivo) da grande maioria das empresas. Não pode, entretanto, como qualquer outro critério, satisfazer todos os usuários em todas as circunstâncias. Certamente há muitos casos em que o universo a ser pesquisado é de pessoas, digamos, com renda pessoal mensal acima de US\$ 30.000. Em casos como esse, o pesquisador deve procurar outros critérios de seleção que não o CCEB.

A outra observação é que o CCEB, como os seus antecessores, foi construído com a utilização de técnicas estatísticas que, como se sabe, sempre se baseiam em coletivos. Em uma determinada amostra, de determinado tamanho, temos uma determinada probabilidade de classificação correta, (que, esperamos, seja alta) e uma probabilidade de erro de classificação (que, esperamos, seja alta) e uma probabilidade de erro de classificação (que, esperamos, seja baixa).

Nenhum critério estatístico, entretanto, tem validade sob uma análise individual. Afirmações frequentes do tipo "... conheço um sujeito que é obviamente classe D, mas pelo critério é classe B..." não invalidam o critério que é feito para funcionar estatisticamente. Servem, porém, para nos alertar, quando trabalhamos na análise individual, ou quase individual, de comportamentos e atitudes (entrevistas em profundidade e discussões em grupo respectivamente). Numa discussões em grupo um único caso de má classificação pode pôr a perder todo o grupo. No caso de entrevista em profundidade os prejuízos são ainda mais óbvios. Além disso, numa pesquisa qualitativa, raramente uma definição de classe exclusivamente econômica será satisfatória.

Portanto, é de fundamental importância que todo o mercado tenha ciência de que o CCEB, ou qualquer outro critério económico, não é suficiente para uma boa classificação em pesquisas qualitativas. Nesses casos deve-se obter além do CCEB, o máximo de informações (possível, viável, razoável) sobre os respondentes, incluindo então seus comportamentos de compra, preferências e interesses, lazer e hobbies e até características de personalidade.

Uma comprovação adicional da adequação do Critério de Classificação Econômica Brasil é sua discriminação efetiva do poder de compra entre as diversas regiões brasileiras, revelando importantes diferenças entre elas.

## ANEXO D- Normas para submissão do manuscrito

# OTJR: Occupation, Participation and Health Author Instructions

## **Contents**

Copyrights and Permissions	75
Manuscript Preparation	75
Cover Letter	75
Typing	76
Title Page/Author Information	76
Supplemental Materials	76
Revisions	77
Editorial Policies	77
Authorship	77
Acknowledgments	77
Declaration of Conflicting Interests	78
Research Ethics	78
Patient Consent	79
Key Words	79
Abstract	79
Style	80
Conclusion Section	80
References	80
Tables	80
Figures	80
Funding	80
Specific Guidelines by Type of Articles	81
Feature Articles	81
Letters to the Editor	81
Manuscript Submission	81
Review Process Information	81
Contributor's publishing agreement	81

## **Copyrights and Permissions**

If photographs are submitted with a manuscript, permission to publish must be obtained in writing from all individuals pictured. Drawings or computer-generated images submitted with a manuscript require permission to publish from the artist.

Authors must inform SAGE if tables, photographs, or illustrations have been previously published, whether by the author or another entity. Material reprinted from other publications (including electronic media and the Internet) must be accompanied by a letter of permission from the publisher, which extends non-exclusive worldwide rights to reprint the material for all forms of media now or hereafter developed to the American Occupational Therapy Foundation. Content from U.S. government websites (e.g., NIH, CDC, USDHHS) is in the public domain and generally can be used without permission. However, some content on these sites may be from another source, in which case permission must be obtained from the copyright holder.

If academic, hospital, or business affiliations are given or are referred to in the manuscript, it is the responsibility of the author to obtain permission from the proper authorities to use the names of such. All letters of permission should be submitted with the manuscript. If applicable, authors should describe the role of the study sponsor, if any, in study design; collection, analysis, and interpretation of data; writing the report; and the decision to submit the report for publication. If the supporting source had no such involvement, the authors should so state. If applicable, authors must declare whether they had assistance with study design, data collection, data analysis, or manuscript preparation. If the manuscript reports on a registered clinical trial and has been assigned a trial registration number from a public trials registry, authors should provide this information.

## **Manuscript Preparation**

The following are guidelines for developing and submitting a manuscript. Manuscripts that do not conform to these guidelines will be returned to the author without review.

#### **Cover Letter**

Every submission must be accompanied by a cover letter, addressed to the Editor-in-chief. A place for uploading this letter will be available once on the submission site. In the cover letter, please make sure to include a general description of the submission and its content, as well as the rationale for why this submission will make a substantive contribution to the journal. If you are submitting a revised version of your manuscript after review, please include a cover letter that states that you are re-submitting, and that reviewers' comments have been addressed (this letter is separate from the response to the reviewers describing the specific changes made).

#### **Typing**

Double space throughout the manuscript, including acknowledgments, abstract, text, references, figure legends, and tables. All pages should be numbered sequentially. Use only TIMES NEW ROMAN 12-point font size.

### **Title Page/Author Information**

The Title Page should be uploaded as a separate file. This file should include:

- Manuscript title (maximum 12 words).
- List of authors, including professional designations and affiliation. For corresponding author only, include mailing and email address. See below for additional information on authorship.
- · Acknowledgements section (see below).
- Declaration of Conflicting Interests section (see below).
- Research ethics section and patient consent (see below).
  - If you are submitting a trial and it has been registered, please include this information on the title page. Please also include the blinded information in the methods section of the paper.
  - For all submissions, please include the full name of the institutional review board and an Ethics Committee reference number on the title page (in addition to the appropriate blinded information in the methods section of the manuscript).
- All other uploaded manuscript files should be devoid of author identification (e.g., name, institution) to facilitate blind peer review process.

#### **Supplemental Materials**

Supplemental material is published electronically on the journal website and does not appear in the print version of the journal, but is readily accessed from the journal's table of contents as well as by a hyperlink within the pdf file of the manuscript. In general, supplemental materials may include information that is of value but is not critical for readers to understand the main outcomes of the study, and may also include results that enhance or extend the findings.

Reference to supplemental material should be made in the main text of the paper (eg. Supplemental methods, Supplemental Figure 1, Supplemental Table 2, etc.), and their legends/titles should be labeled in the same way. The files should also be labeled with "supplement" (or "supp," "supplementary," etc.) in the file name. Please select "Supplementary File" from the file designation pull-down menu when uploading these files during the submission process.

Supplemental Materials should be submitted in the format for publication because Supplemental Materials are not type-set or edited by the publisher and are not provided with the page proofs.

#### **Revisions**

If you are submitting a revision, prepare a response letter to the reviewers in a separate Word document and ensure that the letter does not contain any identifying information. In this letter, please address what changes/edits were made to your manuscript in response to the reviewers' comments. Be as specific as possible to facilitate the review of your re-submission. Please upload this document as a "Response Letter" file on the system.

#### **Editorial Policies**

#### Authorship

Papers should only be submitted for consideration once consent is given by all contributing authors. Those submitting papers should carefully check that all those whose work contributed to the paper are acknowledged as contributing authors.

The list of authors should include all those who can legitimately claim authorship. This is all those who:

- (i) made a substantial contribution to the concept and design, acquisition of data or analysis and interpretation of data,
- (ii) drafted the article or revised it critically for important intellectual content, (iii) approved the version to be published.

Please refer to the ICMJE Authorship guidelines at

 $\underline{\text{http://www.icmje.org/recommendations/browse/roles} and-responsibilities/defining-the-role-of-authors-and-contributors.html}$ 

#### Acknowledgments

Acknowledgments, grant/contract support, and information concerning previous presentation of the material at symposia or conferences should be included as a section in the title page file (for the purposes of blind peer review). Once a decision has been reached regarding publication, this section will appear prior to the references.

All contributors who do not meet the criteria for authorship should be listed in an 'Acknowledgements' section. Examples of those who might be acknowledged include a person who provided purely technical help, writing assistance, or a department chair who provided only general support. Authors should disclose whether they had any writing assistance and identify the entity that paid for this assistance.

#### **Declaration of Conflicting Interests**

It is the policy of *OTJR* to require a declaration of conflicting interests from all authors enabling a statement to be carried within the paginated pages of all published articles.

Please include any declaration on the title page, under a heading 'Conflict of interests'. If no declaration is made the following will be printed under this heading in your article: 'None declared'. Alternatively, you may wish to state that 'The Author(s) declare(s) that there is no conflict of interest'.

When making a declaration the disclosure information must be specific and include any financial relationship that all authors of the article has with any sponsoring organization and the for-profit interests the organization represents, and with any for-profit product discussed or implied in the text of the article.

Any commercial or financial involvements that might represent an appearance of a conflict of interest need to be additionally disclosed in a covering letter accompanying your article to assist the Editor in evaluating whether sufficient disclosure has been made within the Declaration of Conflicting Interests provided in the article.

For more information please visit the SAGE Journal Author Gateway.

#### **Research Ethics**

When appropriate, it should be indicated in the text that was obtained.

All papers reporting animal and human studies must report approval obtained from the local Ethics

Review Board or Institutional Review Board (or the equivalent for countries other than the US and Canada). Also, the manuscript must report whether appropriate informed consent procedures were used; that all subjects were informed of the study's risks and benefits, that their participation was voluntary, and that their identity would not be disclosed. Authors must also confirm appropriate handling of confidentiality and data security.

Please include blinded information on patient consent and review board approval in the methods section of your papers. If your trial has been registered, please include registration information on the Title Page. Please ensure that you have provided the full name and institution of the review committee and an Ethics Committee reference

number (this identifiable information should be included in the title page, and methods section should include only blinded information).

When reporting studies involving human subjects, authors must indicate whether the procedures followed were in accordance with the ethical standards of relevant institutional or national bodies and consistent with the revised (2000) Helsinki Declaration

(http://www.wma.net/en/30publications/10policies/b3/index.html) and typescripts must include a statement that the research protocol was approved by the appropriate ethical committee. In line with the Declaration of Helsinki 1975, revised Hong Kong 1989, we encourage authors to register their clinical trials (at <a href="http://clinicaltrials.gov">http://clinicaltrials.gov</a> or other suitable databases identified by the ICMJE, <a href="http://www.icmje.org/publishing">http://www.icmje.org/publishing</a> 10register.html).

#### **Patient Consent**

Authors are required to ensure the following guidelines are followed, as recommended by the

International Committee of Medical Journal Editors, Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals. Patients have a right to privacy that should not be infringed without informed consent. Identifying information, including patients' names, initials, or hospital numbers, should not be published in written descriptions, photographs, and pedigrees unless the information is essential for scientific purposes and the patient (or parent or guardian) gives written informed consent for publication. Informed consent for this purpose requires that a patient who is identifiable be shown the manuscript to be published.

Identifying details should be omitted if they are not essential. Complete anonymity is difficult to achieve, however, and informed consent should be obtained if there is any doubt. For example, masking the eye region in photographs of patients is inadequate protection of anonymity. If identifying characteristics are altered to protect anonymity, such as in genetic pedigrees, authors should provide assurance that alterations do not distort scientific meaning and editors should so note. When informed consent has been obtained it should be indicated in the submitted article.

#### **Kev Words**

Once in the system, authors should select three identifying key words from the available options. The keywords should reflect the manuscripts content area, and/or methodology.

#### **Abstract**

Articles should include an abstract that clearly and concisely summarizes the manuscript. The abstract should be written in one paragraph and contain the following headings: rationale OR

background, objectives, methodology, results OR findings, and implications OR conclusion. Abstracts should be no more than 150 words.

#### **Style**

Authors should submit the manuscripts prepared in accordance with the *Publication Manual* of the American Psychological Association, 6th edition (<a href="http://www.apastyle.org">http://www.apastyle.org</a>). The Journal also adheres to the Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals (2010) of the International Committee of Medical Journal Editors. Do not use errorprone abbreviations (see <a href="https://www.ismp.org/Tools/">www.ismp.org/Tools/</a> errorproneabbreviations.pdf for a complete list).

#### **Conclusion Section**

In this section, please make sure to include how the manuscript contributes to the further improvement/ understanding of occupation, participation and/or health.

#### References

References must conform to APA (6th edition) style. The author must assume responsibility for the accuracy of references. Old citations should relate to the original work in the field, classic work related to the topic, or, in rare cases, the only other relevant work.

#### **Tables**

Tables should be placed in a separate Word document, one to a page with proper numbering and table title, and uploaded as a separate file. Please select "Table" from the file designation pull-down menu during the submission process.

#### **Figures**

Digital images should be high resolution (at least 300 dpi) and saved in JPEG or TIFF format. Image files should be uploaded separately from manuscript text files; images embedded in Word files and PowerPoint® slides are not acceptable. Figures will be printed in black and white only. Figure legends should not be included in the graphic file.

## **Funding**

To comply with the guidance for Research Funders, Authors and Publishers issued by the Research Information Network (RIN), *OTJR* additionally requires all Authors to acknowledge their funding in a consistent fashion under a separate heading. Please visit <u>Funding Acknowledgements</u> on the SAGE Journal Author Gateway to confirm the format of the acknowledgment text in the event of funding or state in your acknowledgments that: This

research received no specific grant from any funding agency in the public, commercial, or not-for-profit sectors.

## **Specific Guidelines by Type of Articles**

#### **Feature Articles**

Full-length research articles should generally not exceed 5,000 words (20 double-spaced typewritten pages, including tables, references, and figures). Each article must be accompanied by an abstract that clearly, completely, and succinctly summarizes the material that follows. Abstracts for empirical and theoretical studies should be no more than 150 words in length.

#### Letters to the Editor

Letters must be limited to 500 words and should provide thoughtful scientific criticism, rebuttal, or personal data relating to research articles or commentary published in *OTJR*: *Occupation, Participation and Health*. No more than five citations and references can be included. Unless specifically indicated to the contrary, all letters will be assumed to be for publication and will be subject to the same editorial revision policies as other manuscripts.

## **Manuscript Submission**

Manuscripts addressing one or more of the above purposes are acceptable for submission. Submit manuscripts to: <a href="https://mc.manuscriptcentral.com/otjr">https://mc.manuscriptcentral.com/otjr</a>. Manuscripts are considered with the understanding that they are submitted solely to *OTJR: Occupation, Participation and Health* and have not been published previously. Authors must indicate during the submission process if they have a financial interest in or serve as a consultant, reviewer, or evaluator for any product or company mentioned in the article.

#### **Review Process Information**

Manuscripts meeting the stated guidelines go through the peer review process common to most respected professional journals. *OTJR* adheres to a rigorous double-blind reviewing policy in which the identity of both the reviewer and author are always concealed from both parties. All manuscripts are reviewed anonymously by a minimum of two reviewers. Time to first decision is usually six to eight weeks. Accepted manuscripts will be assigned to an issue and authors will receive page proofs to review before publication. The corresponding author will receive an electronic complimentary copy of the manuscript, which they can share with their co-authors.

# Contributor's publishing agreement

Before publication, SAGE requires the author as the rights holder to sign a Journal Contributor's Publishing Agreement. SAGE's Journal Contributor's Publishing Agreement is an

exclusive license agreement which means that the author retains copyright in the work but grants SAGE the sole and exclusive right and license to publish for the full legal term of copyright. Exceptions may exist where an assignment of copyright is required or preferred by a proprietor other than SAGE. In this case copyright in the work will be assigned from the author to the society. For more information please visit our <u>Frequently Asked Questions</u> on the SAGE Journal Author Gateway.

OTJR and SAGE take issues of copyright infringement, plagiarism or other breaches of best practice in publication very seriously. We seek to protect the rights of our authors and we always investigate claims of plagiarism or misuse of articles published in the journal. Equally, we seek to protect the reputation of the journal against malpractice. Submitted articles may be checked using duplication-checking software. OTJR editorial staff will subject a certain number of articles, randomly chosen, to Turnitin to scan for plagiarism. Where an article is found to have plagiarized other work or included third-party copyright material without permission or with insufficient acknowledgement, or where authorship of the article is contested, we reserve the right to take action including, but not limited to: publishing an erratum or corrigendum (correction); retracting the article (removing it from the journal); taking up the matter with the head of department or dean of the author's institution and/or relevant academic bodies or societies; banning the author from publication in the journal or all SAGE journals, or appropriate legal action.

#### **Revised August 2015**

# APÊNDICE A- Questionário sociodemográfico

## Questionário sociodemográfico

Data da entrevista:
Endereço:
Telefone:
Classificação econômica:
Criança/adolescente alvo:
Data de Nascimento:
Idade: Sexo:
Grau de Escolaridade:
Nome do entrevistado:
Relação de parentesco com a criança/adolescente:
Data de nascimento:
Idade: Sexo:
Grau de escolaridade:

## APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do projeto: Participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na commidade

Prezado pai, mãe ou responsável, você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que se destina à elaboração do projeto de mestrado da aluna Rafaelle Gracine de Souza Monteiro, desenvolvido pelo Programa de Pós Graduação em Ciências da Reabilitação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O objetivo do estudo é comparar a participação de crianças e adolescentes, com desenvolvimento típico, em casa, na escola e na comunidade, e avaliar a influência do sevo, da idade e do nível sócio econômico da família.

Para realização da pesquisa, precisamos do seu consentimento, permitindo que seu seu(ua) filho(a) participe do estudo. Caso você aceite, teremos um encontro com duração aproximada de 90 minutos, que será marcado com antecedência, em dia e local que sejam melhores para você. Pedimos que responda a um questionário com perguntas relacionadas à sua família, tais como idade, estado civil, escolaridade e renda famíliar. Posteriormente, você responderá um questionário sobre a participação de seu(ua) filho(a) em casa, na escola e na comunidade. A participação de seu(ua) filho(a) no estudo contribuirá para que profissionais da saúde compreendam melhor a participação de crianças e adolescentes em diferentes contextos, possibilitando aprimoramento dos tratamentos oferecidos a este público.

Ressaltamos que o sigilo das respostas é mantido e, para isso, utilizaremos mimeros para identificar os participantes, ao invés do nome. A participação de seu(ua) filho(a) no estudo será voluntária, portanto vocês não serão pagos pela participação e também não terão nenhuma despesa. Durante a aplicação dos instrumentos, você e/ou seu(ua) filho(a) podem se sentir constrangidos, desconfortáveis ou ter outro sentimento desagradável. Caso isso ocorra e não queiram responder alguma pergunta ou decidirem não participação a estudo, será respeitada sua vontade sem nenhum prejuízo a vocês. Você pode retirar seu consentimento de participação a qualquer momento, seus dados serão excluídos e os pesquisadores não terão mais acesso aos mesmos. Caso você tenha alguma dúvida com relação ao estudo, você poderá entrar em contato com os pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, caso se refira às questões éticas. Os contatos estão listados abaixo e estaremos à disposição para responder e esclarecer suas perguntas. Se você concordar com a participação de seu(ua) filho(a) no estudo, solicito que assine no espaço indicado abaixo, por favor.

Agradecemos a commbuição, atenciosamente,	
Prof Dra. Adriana de França Drummond	Rafaelle Gracine de Souza Monteiro
Consentimento:	, responsável por
	, declaro que li e discuti com o pesquisador
responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste docum	mento. Entendo que posso aceitar ou recusar, e que eu
posso interromper minha participação a qualquer momento sem o para o estudo sejam usados para o objetivo acima descrito Eu consentimento. Pude esclarecer minhas dividas e tive minhas pe assinada deste documento por mim e pelo pesquisador responsável.	entendi a informação apresentada neste termo de rguntas respondidas. Eu receberei uma via datada e
Assinatura da mãe, pa	ii ou responsavei
Belo Horizonte, de	de .
Pesquisadores responsáveis:	
Profa. Dra. Adriana de França Drummond- Professora Assistente	do Departamento de Terapia Ocupacional da UFMG
(Cel: 993010539)/ Profa. Dra. Marisa Cotta Mancini- Professora	Titular do Departamento de Terapia Ocupacional da

UFMG (Tel: 34094790)/ Rafaelle Gracine de Souza Monteiro- Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências da reabilitação da UFMG (Cel: 994871748)/ Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG: Telefax (31)34094592. Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar- sala 2005, CEP: 31270-901, BH-MG, email:

coep@prpq.ufing.br.

#### **APÊNDICE C- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**

#### Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Caro participante,

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: Participação de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade. Com ela, queremos entender melhor como é a sua participação em casa, na escola e na comunidade. As pessoas que irão participar dessa pesquisa tem de 6 a 17 anos de idade. Seus pais/ responsáveis concordaram com sua participação, mas você só participa se quiser e pode desistir a qualquer momento, sem nenhum problema.

A pesquisa será feita no lugar e horário que você e seus pais/responsáveis acharem melhor. Seus pais/ responsáveis responderão algumas perguntas sobre sua família e sobre como você participa das situações e atividades em casa, na escola e na comunidade. Para isso, serão usados alguns questionários com as perguntas que seus pais/ responsáveis deverão responder. Caso você ou seus pais/responsáveis se sintam mal, constrangidos ou emocionados ao responderem alguma pergunta e quiserem parar a entrevista e/ou não quiserem mais participar do projeto, a entrevista será interrompida sem problemas e seus dados serão apagados, de modo que os pesquisadores não o utilizarão mais. Ninguém saberá da sua participação na pesquisa, pois os resultados serão divulgados e utilizados sem dizer o seu nome.

Se tiver alguma dúvida ou algo de errado acontecer, você poderá entrar em contato com os pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, caso se refira às questões éticas. Os contatos estão listados abaixo e estaremos à disposição para responder e esclarecer suas perguntas. Este estudo ajudará os profissionais da saúde a entenderem melhor sobre a participação de crianças e adolescentes, assim eles poderão melhorar os tratamentos oferecidos para essas pessoas.

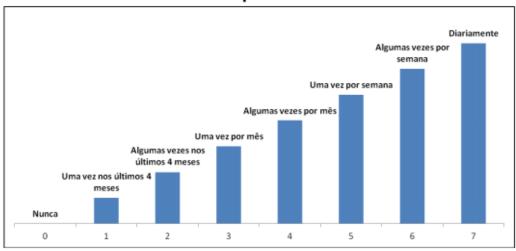
Obrigada pela contribuição, atenciosamente,	
Prof Dra. Adriana de França Drummond	Rafaelle Gracine de Souza Monteiro
Eu,	e adolescentes com desenvolvimento típico, em estudo, que posso concordar em participar, mas sem que ninguém insista. Os pesquisadores pais/responsáveis. Recebi uma via deste termo
Belo Ho	orizonte,dede
Assinatura do n	nenor

#### Pesquisadores responsáveis:

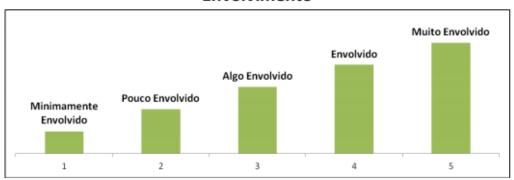
Profa. Dra. Adriana de França Drummond- Professora Assistente do Departamento de Terapia Ocupacional da UFMG (Cel: 993010539)/ Profa. Dra. Marisa Cotta Mancini- Professora Titular do Departamento de Terapia Ocupacional da UFMG (Tel: 34094790)/ Rafaelle Gracine de Souza Monteiro-Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências da reabilitação da UFMG (Cel: 994871748)/ Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG: Telefax (31)34094592. Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos 6627, Unidade Administrativa II, 2° andar- sala 2005, CEP: 31270-901, BH-MG, email: <a href="mailto:coep@prpq.ufmg.br">coep@prpq.ufmg.br</a>.

## APÊNDICE D- Ficha de respostas do PEM-CY

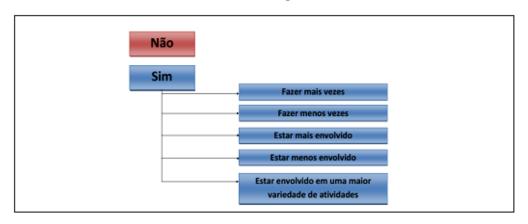
Frequência



## **Envolvimento**



# Mudança



## CONTEXTO

NÃO É UM PROBLEMA	(=)
GERALMENTE AJUDA	3
ÀS VEZES AJUDA, ÀS VEZES DIFICULTA	(E)
GERALMENTE TORNA MAIS DIFÍCIL	(E)

NÃO É NECESSÁRIO	(3)
GERALMENTE, SIM	(3)
ÀS VEZES SIM, ÀS VEZES NÃO	(1)
GERALMENTE, NÃO	3

GERALMENTE, SIM	<b>a</b>
ÀS VEZES SIM, ÀS VEZES NÃO	<b>—</b>
GERALMENTE NÃO	